



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH I
CURSO DE TURISMO E HOTELARIA**

NAYARA JESUS DE ALMEIDA

REBECA DE ESPÍRITO SANTO CARVALHO

**TURISMO E CULTURA: UM OLHAR SOBRE AS POTENCIALIDADES
TURÍSTICAS EXISTENTES NO BAIRRO DA VITÓRIA, SALVADOR-BA.**

**Salvador
2013**

NAYARA JESUS DE ALMEIDA
REBECA DE ESPÍRITO SANTO CARVALHO

**TURISMO E CULTURA: UM OLHAR SOBRE AS POTENCIALIDADES
TURÍSTICAS EXISTENTES NO BAIRRO DA VITÓRIA, SALVADOR-BA.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natalia Silva Coimbra de Sá.

Salvador
2013

NAYARA JESUS DE ALMEIDA
REBECA DE ESPÍRITO SANTO CARVALHO

**TURISMO E CULTURA: UM OLHAR SOBRE AS POTENCIALIDADES
TURÍSTICAS EXISTENTES NO BAIRRO DA VITÓRIA, SALVADOR-BA.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Resultado: _____.

Salvador, ____ de _____ 2013.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Silva Coimbra de Sá – UNEB.
Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA).

Banca Examinadora: Profa. Dra. Carmen Lucia Castro Lima – UNEB.
Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA).

Banca Examinadora: Profa. Ma. Debora Safira Andrade – FTC.
Mestra em Desenvolvimento Regional e Urbano (UNIFACS).

Quando você desenvolve a cultura,
multiplica o espaço para vozes que refletem
sobre os problemas da sociedade.

Francisco Weffort

Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pela sua constante presença nas nossas vidas e por sua infinita fidelidade.

Aos nossos familiares, em especial aos nossos pais e mães, por todo amor, dedicação, carinho e apoio que nos incentivaram a seguirmos em frente.

Aos nossos amigos, por terem acompanhado a nossa jornada e compreendido os nossos momentos de “falta”, e também àqueles que mesmo distantes sempre torcem por nós.

Aos amigos da UNEB, pela amizade e por todos os momentos, que durante esses 4 anos nos permitiram conhecer pessoas incríveis.

Aos colaboradores do bairro da Vitória, pela atenção, simpatia e vontade de colaborar conosco na concretização deste trabalho.

Aos nossos professores, pelas suas reflexões, discussões e contribuições essenciais à nossa formação.

À nossa querida orientadora, Natalia Coimbra de Sá, pela sua gentileza em dedicar seu tempo e seu conhecimento para abraçar nosso trabalho.

RESUMO

A presente monografia analisa as potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013. Dessa forma, a partir da realização de pesquisa documental, bibliográfica e de campo, busca-se evidenciar a importância dos atrativos turísticos e culturais localizados no Corredor da Vitória. Para atingir o objetivo principal, no decorrer do trabalho, são abordados aspectos desde a constituição do bairro da Vitória no século XVI, como propulsor da elite baiana, até o século XXI, nos seus dias atuais, como um distrito cultural de destaque. São pontuados todos os atrativos turísticos existentes no bairro, desde os museus, passando pelos institutos culturais e a igreja, a saber: Museu de Arte da Bahia, Museu Carlos Costa Pinto, Museu Geológico da Bahia, Goethe-Institut Salvador, Associação Cultural Brasil-Estados Unidos e Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Além de discorrer acerca da infraestrutura e dos serviços locais. Assim, o estudo demonstra a relevância do bairro e seu potencial turístico para a cidade de Salvador e para comunidade local.

Palavras-chave: Turismo. Cultura. Potencial Turístico. Bairro da Vitória. Salvador.

RESUMEN

La presente monografía analiza las potencialidades turísticas del barrio Vitória, ubicado en Salvador-Ba, en el año 2013. Así, con la realización de investigación documental y bibliográfica y estudio de campo, se intenta evidenciar la importancia de los atractivos turísticos y culturales del Corredor da Vitória. Para alcanzar el objetivo principal, se aborda en el trabajo aspectos desde la constitución del barrio Vitória en el siglo XVI, como propulsor de la élite de Bahia hasta el siglo XXI, en los días actuales, de un distrito cultural de relieve. Se puntúan todos los atractivos que existen en el barrio, de Museos a Institutos culturales e Iglesias, a saber: Museu de Arte da Bahia, Museu Carlos Costa Pinto, Museu Geológico da Bahia, Goethe-Institut Salvador, Associação Cultural Brasil-Estados Unidos y Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Además, discurre acerca de la infraestructura y de los servicios en estos locales. Así que, este estudio revela la importancia del barrio y su potencial turístico para la ciudad de Salvador y para la comunidad local.

Palabras-clave: Turismo. Cultura. Potencial Turístico. Barrio de Vitória. Salvador.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Corredor da Vitória.....	24
Figura 2 – Linha de Bonde localizada na Vitória.....	27
Figura 3 – Especulação Imobiliária no bairro da Vitória.....	30
Figura 4 – Museu de Arte da Bahia.....	37
Figura 5 – Museu Carlos Costa Pinto.....	42
Figura 6 – Museu Geológico da Bahia.....	48
Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora da Vitória.....	52
Figura 8 – Goethe-Institut Salvador.....	55
Figura 9 – Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Visitação em entre Janeiro e Outubro/2013 quanto à procedência dos visitantes, Museu de Arte da Bahia.....	40
Quadro 2 – Comparativo entre os anos de 1999 e 2013 quanto à procedência dos visitantes, Museu Carlos Costa Pinto.....	44
Quadro 3 – Visitação em Setembro/2013 quanto à procedência dos visitantes, Museu Geológico da Bahia.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TURISMO E CULTURA.....	15
2.1 TURISMO.....	15
2.2 CULTURA.....	17
2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL.....	19
2.4 TURISMO CULTURAL.....	20
2.5 DISTRITO CULTURAL.....	21
3 O BAIRRO DA VITÓRIA EM SALVADOR: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS.....	23
3.1 A ORIGEM: SÉCULO XVI.....	23
3.2 SÉCULO XIX: A HISTÓRIA É DELINEADA.....	25
3.3 MARCOS DO SÉCULO XX.....	28
3.4 A VITÓRIA DO SÉCULO XXI.....	30
4 POTENCIAL TURÍSTICO DO BAIRRO DA VITÓRIA.....	35
4.1 LEVANTAMENTO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS.....	35
4.1.1 Museu de Arte da Bahia.....	36
4.1.2 Museu Carlos Costa Pinto.....	41
4.1.3 Museu Geológico da Bahia.....	47
4.1.4 Igreja de Nossa Senhora da Vitória.....	51
4.1.5 Goethe-Institut Salvador.....	54
4.1.6 Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.....	57
4.2 LEVANTAMENTO DA INFRAESTRUTURA LOCAL E SERVIÇOS.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista: Museu de Arte da Bahia.....	69
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista: Museu Carlos Costa Pinto.....	70
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista: Museu Geológico da Bahia.....	71
APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista: Igreja de Nossa Senhora da Vitória.....	72
APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista: Goethe-Institut Salvador.....	73
APÊNDICE F – Roteiro de Entrevista: Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.....	74

1 INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno social de grande notoriedade em nossa sociedade. A busca por um meio propício ao descanso, ao entretenimento, à aventura e à possibilidade de uma ampliação do conhecimento fomenta uma grande demanda, fazendo com que a busca por esse tipo de experiência cresça consideravelmente, tornando-o, assim, uma atividade econômica relevante.

Atualmente, o turismo trabalha com vários segmentos, sendo estes, importantes para atender e se adequar ao tipo de experiência que o turista deseja viver, bem como, na criação de opções que despertariam o interesse do público. Nisso, a segmentação sustenta a sistematização do mercado turístico do ponto de vista das motivações para as viagens e também do *marketing* de destinos.

Dentro das segmentações existentes no turismo o destaque nesse estudo é ao turismo cultural. Uma área em que se trabalha diretamente com a herança histórica e cultural e produz significados necessários para a caracterização de cada localidade. Mediados por uma complexa rede, esses significados culturais correspondem ao produto fruto da construção daquilo que é comum a uma sociedade ou que é construído ao longo do tempo por um grupo de pessoas e o seu sentimento de pertencimento.

Por favorecer a integração entre as pessoas, os significados que a cultura desenvolve fazem que determinadas regiões apresentem potencial para o turismo cultural, tirem proveito, se trabalharem nesse sentido, como também sejam criados novos espaços para a propagação dessas práticas. Este fato permite afirmar que um produto turístico necessita ter um diferencial e uma pluralidade de atrativos que possa atrair visitantes para o local, pois se sabe que o turista está sempre em busca de experiências diferentes das que são normalmente vivenciadas em suas atividades cotidianas.

A partir do foco na relação profícua entre turismo e cultura, foi estabelecido como tema da presente monografia: a análise das potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013. A relevância do trabalho tem como base tanto o cunho acadêmico como o social. Uma vez que o bairro da Vitória é comumente visto apenas como um espaço onde reside a classe alta da população de Salvador, sem ser lembrado por seu valor histórico e cultural tão importante para a história da cidade.

Pode-se considerar, pois, que apesar de estar fora dos roteiros turísticos da capital baiana, que atualmente encontram-se bastante limitados, o bairro da Vitória possui um potencial que, se bem aproveitado, pode tornar-se uma alternativa para o turismo de sol e praia tão predominante em Salvador. Reforçando os atrativos culturais da cidade, além de contribuir de forma significativa para a valorização e difusão da história da mesma. Contudo, estudos sobre o tema ainda são escassos e pouco notórios.

Assim, delimita-se o seguinte problema: quais as potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013? Podendo ser respondido através da seguinte hipótese: as potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013, são reveladas por meio do potencial histórico e cultural presente no bairro que apresenta rico patrimônio material e imaterial representado pelo Museu de Arte da Bahia, Museu Geológico da Bahia, Museu Carlos Costa Pinto, Igreja de Nossa Senhora da Vitória, Instituto-Goethe e a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.

A partir da hipótese apresentada, definem-se algumas variáveis: potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória; potencial histórico presente no bairro; rico patrimônio cultural. E as essenciais questões norteadoras: O que é turismo? O que é cultura? O que é turismo cultural? Como se define atrativo turístico? Qual a história do bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA? Quais os atrativos existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013? Quem costuma frequentar os atrativos existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013? Por qual razão, o bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, não está inserido nos roteiros turísticos de Salvador? Quais os benefícios que o turismo realizado no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, proporcionaria a capital baiana?

O objetivo geral do trabalho consiste em analisar as potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013. Dentre os objetivos específicos encontram-se: a) estabelecer a relação entre turismo e cultura destacando a sua relevância; b) relatar a história do bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA; c) caracterizar e analisar as potencialidades turísticas existentes no bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013; d) examinar a presença dos atrativos turísticos do bairro da Vitória, localizado em Salvador-BA, em 2013, nos roteiros turísticos de Salvador.

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental com a utilização de livros, artigos, reportagens de jornais e revistas de

circulação na Bahia, como também o uso da mídia eletrônica, caracterizando-se assim como um estudo descritivo. A pesquisa bibliográfica justifica-se por abranger a leitura, análise e interpretação de livros, como relata Oliveira (2002, p. 33) quando afirma que “tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno”, utilizando livros a partir de bibliotecas públicas, de universidades, bem como bibliotecas virtuais, como a Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia; Biblioteca da Universidade Federal da Bahia; Biblioteca Margarida Costa Pinto, do Museu Carlos Costa Pinto; Biblioteca do Museu de Arte da Bahia, chamada de Biblioteca Jose Pereira; Biblioteca Central dos Barris e a Fundação Gregório de Matos.

Já a pesquisa documental se faz necessária, pois possibilita “o encontro de uma série de informações para comprovar a existência ou não de uma determinada hipótese [...] [e], a partir dali, o pesquisador passa a somar uma série de informações, com a finalidade de elaborar o seu projeto de pesquisa” afirma Oliveira (2002, p. 35). Nesse sentido, os fatos foram observados, registrados, analisados, classificados e interpretados por parte das pesquisadoras responsáveis pelo projeto. Como descreve Rudio (1986, p. 45), a pesquisa descritiva “está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”.

Além disso, foi utilizada a pesquisa de campo que incluiu visitas ao bairro, às instituições ali localizadas e realização de entrevistas com os representantes dos atrativos. A pesquisa de campo “consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente para posteriores análises”, retrata Oliveira (2002, p. 27). O instrumento utilizado para a realização da pesquisa de campo foi um roteiro de entrevista aplicado aos gestores responsáveis pelos atrativos localizados no bairro – Museu Geológico da Bahia, Museu de Arte da Bahia, Museu Carlos Costa Pinto, Igreja Nossa Senhora da Vitória, Instituto-Goethe e a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.

A escolha por esse tipo de procedimento metodológico é bem explanada na obra de Gil (2002, p. 53) onde mostra que “a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”. Não se abstendo da pesquisa histórica, que se torna primordial, já que o tema leva em consideração a contextualização histórica do bairro.

Em relação à análise do objeto, além de se caracterizar como uma pesquisa descritiva possui também características de pesquisa exploratória onde a “ênfase [é] dada à descoberta de práticas ou diretrizes que precisam modificar-se e na elaboração de alternativas que possam ser substituídas”, conforme destaca Oliveira (2002, p. 36). Quanto à técnica de pesquisa, foram utilizadas fontes primárias por meio da documentação direta, como registros fotográficos, observação direta por parte das pesquisadoras, dados coletados por meio de entrevistas; e fontes secundárias, através de pesquisa bibliográfica.

A abordagem qualitativa foi utilizada na pesquisa para o tratamento dos dados. Esse procedimento foi indispensável e realizado através de análise e interpretação dos mesmos, realizando uma interpretação textual das informações obtidas, inclusive das entrevistas aplicadas nos atrativos. Rudio (1986, p. 43) trata sobre essa necessidade quando afirma que a “interpretação vai consistir em expressar o verdadeiro significado do material, que se apresenta em termos dos propósitos do estudo a que se dedicou”. Tornando, assim, o material produzido ordenado, consistente e objetivo.

O trabalho está dividido em cinco seções. Na primeira, encontra-se o delineamento do tema desta monografia, a partir da explanação dos objetivos da pesquisa, discutindo sua relevância e justificativa, e a partir de então, foi descrita a metodologia utilizada. A segunda corresponde ao levantamento teórico sobre o tema central do trabalho e dos assuntos correlatos. A terceira seção consiste em uma contextualização histórica do bairro da Vitória em que está descrito o início da sua organização como bairro importante para a elite de Salvador, os aspectos geográficos que o constituem e seu contexto atual. Na quarta seção é apresentada a análise acerca da potencialidade existente no bairro, com uma descrição histórica dos atrativos turísticos e culturais e suas peculiaridades, a explanação da estrutura local e sua verificação, a partir da apresentação dos resultados obtidos através da pesquisa de campo. E, por fim, a explanação das considerações finais.

2 TURISMO E CULTURA

O turismo e a cultura estabelecem relações que impactam ambas as partes. Entende-se essa integração pelas diretrizes comuns e bem estabelecidas que são capazes de validar o contato entre os dois campos. Nessa troca de influências, o turismo e a cultura enriquecem tanto o visitante quanto o visitado.

Desta forma, pode-se trabalhar a cultura e sua relação com o turismo utilizando-se de diversas formas para o desenvolvimento da atividade turística na sua valorização, conservação e amplitude. Ao pensar no turismo é impossível não associá-lo a vínculos culturais. Essa conjugação marca a dinamização e potencial pelos quais o turismo e a cultura são caracterizados, como algo diversificado e mutável, estando em constante transformação.

Neste capítulo, a ênfase é ao turismo e sua importância como uma atividade que compõe a vida humana, partindo da premissa da relação que o turismo possui com a cultura na sua aquisição, construção, interação entre o visitante e o residente, e os seus benefícios. Na busca da compreensão de como o seu desenvolvimento por meio da cultura pode ser trabalhado valorizando uma determinada região.

2.1 TURISMO

O turismo encontra-se ligado a muitos setores da atividade humana. Essa diversidade explica a variedade de conceitos existentes, que podem ser estudados sob diferentes óticas e campos de estudo. Sua amplitude demonstra a importância de se realizar uma reflexão sobre o turismo enquanto fenômeno complexo. As suas interferências são bem notáveis na transformação do espaço físico e natural, sendo também, considerado um forte componente para o desenvolvimento econômico e impactos socioculturais nos destinos.

Para Lickorish e Jenkins (2000, p. 28) o turismo é “o fenômeno que surge de visitas temporárias (ou estadas fora de casa) fora do local de residência habitual por qualquer motivo que não seja uma ocupação remunerada no local visitado”. Nessas interações o turismo influencia e sofre influência de muitos fatores, como a economia, a política e a cultura.

A atividade é capaz de interferir na dinâmica das sociedades, sendo adotada em grande parte do mundo. Seu dinamismo propõe experiências que fogem do padrão, ou seja, na saída do contexto cotidiano, em busca de lugares ligados a ideais de vida, lazer e descanso. Nesse sentido, o turismo aponta para a necessidade de um tempo que proporcione novas vivências e alívio das pressões.

Ao pensar no turismo, muitas vezes restringe-se que este atende apenas às necessidades básicas de deslocamento, alojamento e alimentação. Contudo, além disso, o turismo se mostra associado a um processo complexo que envolve a motivação para a viagem, a escolha do lugar, tempo e dinheiro disponível para viajar, os meios de transportes que tornarão possível o deslocamento, a infraestrutura básica existente no destino visitado, os atrativos naturais e culturais oferecidos, a receptividade da população residente, a satisfação e avaliação do visitante na sua volta ao lar.

Uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais (MOESCH, 2002, p. 9).

O envolvimento desses muitos aspectos amplia a inserção do turismo em uma localidade que, na oportunidade, oferece além das viagens, serviços e estruturas que favorecem a troca de conhecimentos e diferentes vivências com o lugar, proporcionando uma melhoria da qualidade de vida relacionada à valorização e ao aumento da identificação da cultura local pelos moradores, melhoria das condições sociais, por meio de uma boa distribuição da renda gerada, conscientização ambiental, entre outros.

Tratando-se de um tema que, por si, sugere um olhar multidisciplinar, a experiência do turismo fortalece e perpetua a transmissão intergeracional de conhecimento. Portanto, o turismo colhe os frutos da cultura.

Por mais devastador que o fenômeno do turismo possa parecer no primeiro momento, observa-se que por onde se dá atividade turística, de uma forma ou de outra dá-se o despertar de uma consciência de lugar, de ser local e de um sentimento de orgulho, uma visão de povo por conta dos fenômenos sociais que o turismo desperta ou de ganâncias econômicas ou ainda por que o povo percebeu a necessidade de preservar melhor o lugar para si, que conseqüentemente, gerará mais ganhos para o homem local e para o turista (MARTINS, 2003, p. 47).

O processo de conscientização que o turismo propõe está ligado ao desenvolvimento de uma visão sustentável, o que também tange o aspecto cultural, sendo um estímulo para a reafirmação de pertencimento ao local e na busca do compartilhamento vivencial. Almejando uma relação de equilíbrio que traduz em ampliação e fortalecimento dos processos culturais.

2.2 CULTURA

A cultura se consolida como um elemento bastante importante da formação social dos grupos de indivíduos que ocupam determinados espaços sociais expressando seus estilos de vida que, se estimulados, fomentam recursos para atrair os visitantes, valorizando a imagem do local. A cultura “é, pois, própria dos seres humanos; não é instintiva, mas adquirida, aprendida e produzida apenas pelos seres humanos. Desse modo todos têm direito à cultura, assim como têm à educação” (FRANCO, 2006, p. 29).

Todo comportamento social reflete em história, que são autoafirmações do que eles são. Diante dessa premissa, são os aspectos peculiares de cada povo que constroem suas identidades, e todo ser humano tem o direito de se firmar em uma cultura, de maneira que se valorizem, e valorizem o local, através das suas construções.

Segundo Laraia (1997, p. 36) “adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas.” Essa ferramenta de criação de identidades que é a cultura é importante, pois, através da identificação de significados, é possível atribuir uma percepção. Ou seja, o ser humano contribui para o seu desenvolvimento a partir de um discernimento particular do seu meio através da própria vivência. Aprofundando assim os seus costumes e fazendo com que eles se perpetuem e que sua ação seja a mais natural possível.

Hoje entendemos que, além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva (FUNARI; PINSKY, 2003, p.17).

É como ressalva Martins (2003, p. 28) quando afirma que “todo grupo necessita de uma cultura que o sustente para poder existir. Vivenciada no sentido comum e repassada através de comunicação, para manter o sentido de pertencer entre seus integrantes”. Observa-se que isso está incorporado ao processo de desenvolvimento que as sociedades passam, despertando e servindo de incentivo para a propagação das práticas socioculturais e as tradições históricas do povo que se orgulha das experiências vividas ou contadas.

A cultura tem que priorizar o cotidiano da população local. Assim, o que continua atraindo as pessoas é a diferença que esses cotidianos têm. Dessa forma, a cultura desperta o interesse do viajante, e pode levá-lo à compreensão do ambiente local. A união entre o global e o local gera uma representação sobre lugares e povos e incita a vivenciá-los.

Segundo Macedo (2006, p. 25), a cultura deve ser entendida não apenas como manifestações de arte diversas: “cultura são valores, posturas, hábitos, lugares, conhecimentos, técnicas, identidades comuns e diversas, conceitos, saberes e fazeres múltiplos”.

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (SANTOS, 1999 p. 61).

Percebe-se, portanto, um reflexo do modo de vida, fisicamente enorme, culturalmente rico e estruturalmente desigual que resguardam as tradições da maneira como podem, com tamanha abrangência construída pela ação humana. Assim, logo se definem em símbolos relevantes que, se bem trabalhados, despertam interesses pelos elementos culturais, promovendo também formas de afirmação de uma identidade que se deseja não apenas fortalecer, mas também se construir.

Contudo, é importante ressaltar que o turismo é um fenômeno profundamente marcado pelo consumo, em todas as suas dimensões. O turismo se interliga com a cultura, transformando-a em produto de consumo. O ócio, que se consolida como benefício social, começa a ser pensado como um tempo para adquirir cultura e desfrutar do lazer, ampliando a necessidade de planejar o encontro do turismo com a cultura de forma que todos se beneficiem.

2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL

Diretamente ligado ao turismo e à cultura encontra-se o patrimônio. Forte motivo de atração para turistas, o rico patrimônio de um país, estado, cidade, bairro ou qual seja o lugar, gera visibilidade. Isso quando o mesmo recebe sua devida importância. É uma herança que deve ser sustentada, uma forma de preservar as tradições históricas e culturais, a memória de um povo.

Cuidado e zelo para conservação e manutenção é um fator essencial para que essa relação se perpetue. Relação essa já estabelecida há tempos e cada vez mais aprofundada. “Como patrimônio cultural considera-se toda criação humana, quer sejam criações individuais ou das sociedades, tanto do passado como do presente” (MIRA, 2007, p. 45). Ou seja, todas as riquezas e tradições culturais de um povo também fundamentam seu patrimônio, que pode ser material ou imaterial. O patrimônio cultural não deve ser entendido apenas como algo palpável, mas considerado como o conjunto de todas as obras, costumes, valores, hábitos e crenças de todos os elementos que formaram e continuam a formar a sociedade. Compreendendo assim, todos os aspectos da cultura tangível e intangível de um povo.

Enriquecendo a atividade turística, o patrimônio cultural pode se tornar o diferencial procurado pelos turistas e visitantes. Por isso, o turismo deve funcionar de forma a motivar a sua conservação e valorização. Existe uma linha tênue nessa relação, mas que precisa ser encontrada para que o equilíbrio prevaleça. Além de salvaguardar parte da história daquela comunidade, enriquece a visita do turista e torna o destino ainda mais divulgado.

Diante das atuais discussões suscitadas entre turismo e patrimônio cultural é possível apontar que as relações estabelecidas entre ambos serão duradouras, pois cada vez mais as pessoas têm buscado, através da realização de viagens turísticas, um crescimento cultural advindo da observação dos diversos tipos de culturas característicos de cada local visitado (MARTINS; VIEIRA, s.d., p. 8).

Como forma de continuidade, deve-se garantir o acesso a essas relações entre o turismo e o patrimônio, através da busca por costumes e tradições e a interatividade com as comunidades locais em um estímulo conjunto. Mira (2007, p. 53) se pronuncia sobre o assunto ao afirmar: “torna-se fundamental enfatizar a importância desse patrimônio como suporte da história e da memória dos grupos sociais. Em outros

termos, os bens patrimoniais são instrumentos importantes da identidade dos grupos sociais”. Que podem ser contemplados obviamente pelos residentes, mas também por aqueles que não a criam, nem a promovem, no caso, os turistas. Porém, torna-se fundamental ter a participação local na responsabilidade de criar um forte vínculo com o patrimônio assegurando a importância de conservá-lo, divulgá-lo e, assim, buscar a compreensão da sua identidade através desses registros que a cultura produz. E este é o caso a ser analisado no bairro da Vitória, em Salvador-BA.

2.4 TURISMO CULTURAL

A busca de elementos diferenciais de cada destino tem sido cada vez maior por parte do mercado turístico. Visto que o sucesso do turismo também depende da diversidade e riqueza cultural do local, o potencial de se investir no turismo cultural é bem relevante. Pois, este se diferencia dos demais segmentos quando promove a vivência de fatores culturais como: música, dança, artesanato, religião, gastronomia, arquitetura e história.

O aproveitamento do turismo cultural, com a valorização da história, serve de medida propulsora para revitalizar economicamente o patrimônio histórico e, conseqüentemente, assegura a continuidade da cultura local. Além de ser fonte importante na obtenção de conhecimento sobre a localidade, a visibilidade reafirma os laços culturais valorizando-os mesmo com o passar do tempo. De acordo com o Ministério do Turismo (MTUR):

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2008 p. 16).

O homem, na sua busca intensa por conhecimento, procura sempre subsídios para desenvolver melhores compreensões sobre o mundo que o cerca. Assim sendo, o turismo cultural objetiva principalmente a pesquisa, o conhecimento, a informação, aliando tudo isso ao prazer e bem estar. A cultura é o diferencial dessa modalidade de turismo que se identifica como um agente de integração do lugar ao divulgar, promover e fortalecer as identidades, sempre fundamentadas nos valores que diferenciam sua população e, nisto, a cultura mostra que o resultado impresso no destino que se visita incita os visitantes a vivenciá-la.

Muitos dos visitantes estão interessados em conhecer um pouco mais sobre a história de uma localidade, seus usos e costumes, a maneira como esses indivíduos se comportam em meio à sociedade, enfim, saber sobre sua formação histórica através de sua cultura, pois esta é a forma que revela vários hábitos e costumes de um povo.

A identificação do turismo cultural acontece a partir dos elementos componentes da cultura, sendo que o turismo consiste na formação de atrativos, que podem ser, conforme define Beni (1998, p. 55): “Todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los.” O que faz um local ou elemento turisticamente atrativo é o fato de despertar o interesse do visitante em conhecê-los; o olhar diferenciado para esses elementos é o que facilita e, muitas vezes, torna possível a identificação dos mesmos.

Cabe, entretanto, do ponto de vista do planejamento, desenvolver as respectivas ofertas, buscando a sua relevância como atrativo turístico. Como observam Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 191-192) “[...] o desenvolvimento de fatores culturais dentro de uma nação é um meio de aprimorar os recursos para atrair visitantes”. Por isso, é importante analisar o interesse dos visitantes, para que a visibilidade dos atrativos culturais também represente uma maior divulgação e visitação através da incorporação dos mesmos à atividade do turismo. E os autores continuam: “As atrações culturais de um país devem ser apresentadas de forma inteligente e criativa. Nessa época de uniformidade, quase não se pode distinguir os produtos de uma localidade dos de outra” (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002, p. 192).

Dentro desse contexto, os atrativos históricos e culturais retratam produções e características que, ao serem valorizadas, podem contribuir para o desenvolvimento local, inclusive no intuito de desempenhar um papel positivo na nomenclatura da localidade ou bairro. Esse encontro do turismo com a cultura possibilita a aquisição de uma bagagem cultural e contemplação de todos os elementos e práticas culturais que fazem um lugar atrativo e singular.

2.5 DISTRITO CULTURAL

A formação de um território passa por constantes mudanças ao longo do tempo. Essas evoluções marcam época e constroem a história de cada localidade. Nisto, as heranças deixadas e adquiridas são fatores que elevam o valor histórico e cultural de qualquer região.

Segundo Vaz e Jacques (2013, p. 1) “observa-se que nas intervenções das últimas décadas vem crescendo progressivamente a importância dos diversos aspectos ligados à cultura”. Nesta valorização a cultura ganha cada vez mais importância, por conta dos diversos investimentos e planejamentos na área cultural, logo se revelando a necessidade de um olhar voltado para o fomento da cultura nas localidades. De maneira que se forme uma relação do presente com o passado, visto que o grau de interesse das pessoas só vem aumentando acerca desse assunto.

O primordial é englobar as localidades com um potencial cultural através dos distritos culturais. Esses podem ser caracterizados como áreas espacialmente distintas e limitadas, com alta concentração de ofertas culturais, tanto em termos de consumo quanto de produção (VAZ, 2004 apud AMAZONAS; LIMA, 2010, p. 95). A inclusão dos distritos culturais pode ser trabalhada, principalmente, no centro das cidades, pois representam o referencial simbólico das mesmas, na qual sempre é possível encontrar alguma localidade que, por herança ou construção, comporta uma série de elementos culturais de destaque como museus, teatros, cinemas e outros espaços culturais, por exemplo.

Os distritos culturais são lugares em que a função cultural tem que prevalecer juntamente com o suporte físico-espacial adequado, que promovam o uso dos elementos culturais, bem como, incentivem as intervenções de conservação, preservação e revitalização urbana. Por isso, a função de manter viva a história, não só a do passado, mas do dia a dia, convertendo-a em conhecimento, auxilia a aproximação das pessoas com a cultura.

Esse tipo de configuração espacial pode ser de grande importância para se pensar a dinamização de bairros onde os atrativos culturais tenham destaque também para a promoção do turismo cultural.

A partir da fundamentação teórica aqui analisada, as discussões sobre estas questões serão aprofundadas, a seguir, em relação ao Corredor da Vitória e sua potencialidade para o turismo cultural na cidade de Salvador, Bahia. Sendo que, primeiramente, é fundamental que seja apresentada uma contextualização do bairro em estudo.

3 O BAIRRO DA VITÓRIA EM SALVADOR: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Exaltada por seu clima, flora, fauna e condições de vida, a Cidade do São Salvador, assentada em cima de uma colina com vista amplamente aberta para o mar, expandiu-se de tal forma que fez-se necessário dividir a mesma em duas: “Cidade Alta” e “Cidade Baixa”. Possuindo não só níveis topográficos bastante distintos, como também características bastante inerentes. “Situado na parte alta de uma escarpa com altura média de sessenta e cinco metros, banhada pela Baía de Todos os Santos” (MOTA, 2012, não paginado), o Corredor a Vitória, imprimiu sua singular importância na formação da história da cidade. Este capítulo apresenta o bairro da Vitória desde o início de sua formação no século XVI, revela o momento em que o bairro é intensamente habitado já no século XIX, e seus marcos até os dias atuais.

3.1 A ORIGEM: SÉCULO XVI

Não é possível separar os aspectos históricos dos geográficos quando se trata do bairro da Vitória. A própria localização do Corredor da Vitória (Figura 1) foi o marco inicial de sua história. Antigamente, tendo Salvador seu centro histórico como a área dos abastados, principalmente dos senhores de engenho, posteriormente percebeu-se que aquela área não correspondia mais às necessidades da população dominante. De acordo com Senna (2011, não paginado): “Suas ruas estreitas, sinuosas, enladeiradas, casas geminadas, insalubres” foram trocadas por “casas mais arejadas, modernas, com área verde, recuadas” (SENNA, 2011, não paginado) construídas na Vitória que proporcionava essas condições.

Figura 1 – Mapa do Corredor da Vitória.



Fonte: <<http://www.salvador-bahia-brasil.com/mapas-de-salvador/mapa-do-corredor-da-vitoria.gif>>. Acesso em: 02 set. 2013.

Adaptado por: Carvalho; Almeida (2013).

Por estar localizado na parte alta da cidade, do bairro é possível ter uma vista para a Baía de Todos os Santos de grande beleza paisagística. O Corredor da Vitória possui uma localização privilegiada, no centro da cidade de Salvador, correspondendo a um trecho arborizado da Avenida Sete de Setembro, com pouco mais de um quilômetro de extensão. “A Vitória, apesar de todo seu *glamour* e importância, é, na verdade, um trecho muito pequeno, que se inicia em um largo, o do Campo Grande, e termina em outro, o da Vitória”. (SAMPAIO, 1994, p. 2). Está rodeado por outros bairros como Graça, Canela, Garcia e suas delimitações, Barra e Campo Grande.

Criado pela necessidade de ligar bairros na cidade de Salvador, o Corredor era simplesmente uma rua aberta entre vegetação agreste. Puramente, uma rua de acesso. Não se imaginava, então, seu futuro rico patrimônio e legados, sua importância na formação para a memória; não só para a cidade, mas na composição da história da Bahia.

Tendo como ponto de partida o século XVI, e seguindo o trajeto do antigo Caminho do Conselho, é onde se encontra a trilha que se estenderia do Campo Grande até a Barra ou, como era denominada, a Vila do Pereira, conhecida como Vila Velha. Via de velhas árvores centenárias e vegetação virginal. “Ora, foi nesse caminho, depois

estrada, depois rua, depois avenida, que mais tarde se viria a chamar de Corredor da Vitória” (CELESTINO, 1983, não paginado). Inicialmente, não passava de uma mera estrada, já que a elite residia no entorno do Corredor, e nunca no mesmo, a exemplo da Freguesia da Sé e da Freguesia de Santo Antonio ou qualquer outra que possibilitasse aos abastados da época mais comodidade e *status*. Fato este que se modificaria no século XIX quando a “excelência de sua localização se conjugou com outros fatores e fez do local quase um bairro” (NEWTON, 1983, não paginado).

3.2 SÉCULO XIX: A HISTÓRIA É DELINEADA

Com a fuga da classe dominante de seus locais de residência devido ao surto das febres endêmicas que constantemente atacavam a população, a busca de um local que adequasse melhores condições de vida passou a chamar a atenção da população.

Foi quando os habitantes desconfiaram, (a palavra é essa: desconfiaram) que havia maior comodidade, maior higiene em morar em altos, em casas isoladas, batidas dos ventos, a vista do mar, que isso tudo proporcionava condições de higiene muito mais significativas (TEIXEIRA, 2001, não paginado).

E a Vitória proporcionava todos esses elementos. A natureza quase intocada do local também chamava atenção: “o arvoredo primitivo estava [...] com certa grandeza, havia árvores cuja solenidade infundia respeito, largas copas tinham a majestade de certas catedrais [...]” (CELESTINO, 1983, não paginado). Assim, encontraram naquela via um local de floresta ainda intocada e que, conseqüentemente, propiciava uma vida rural, até então possível. Como salienta Mota (2012, não paginado), “a ocupação rarefeita do local permitia que as novas construções pudessem atender aos requisitos de higiene e estética trazidos da Europa e que ainda não tinham sido implantados na cidade”, com residências afastadas do limite do terreno de forma a permitir tanto a ventilação de um maior número de cômodos como uma iluminação natural.

A denominação “Vitória” foi posteriormente escolhida para nomear o Corredor e existem dois registros sobre sua eleição. Um relata “uma homenagem dos ingleses, ocupantes pretéritos daquele espaço à sua rainha” (ANDRADE; BRANDÃO, 2009, p. 48). Outra, mais difundida e, por isso mesmo, mais conhecida, expõe à devoção a Nossa Senhora da Vitória, cuja imagem habita a Igreja construída no bairro. A Igreja

de Nossa Senhora da Vitória foi levantada logo após o surgimento do Largo da Vitória – ou, oficialmente, Praça Rodrigues Lima – aberto “por volta de 1530, sendo o segundo largo da cidade [...], o primeiro foi o da Graça, aberto por volta de 1524”. (DÓREA, 1999, 26).

O número elevado de imigrantes também marcou a história do bairro já que o “[...] o afluxo de estrangeiros, notadamente ingleses, que se fixaram com seus usos e costumes, suas modas e até sua forma de arquitetura” (COSTA; ROSA, 1983, não paginado) foi intenso. Por isso, “algumas casas são importadas quase completamente da Inglaterra” (COSTA; ROSA, 1983, não paginado). O viajante francês Tollenare, em 1817, ressalta este caso ao afirmar que “o arrabalde da Vitória é quase exclusivamente ocupado por estrangeiros da Bahia e, por isso, não se pode ali bem apreciar os costumes brasileiros” (DÓREA, 1999, 26).

[...] durante muitos anos, no início do século XIX, toda aquela área sofreu a influência dos exportadores ingleses, que ali possuíam até mesmo uma igreja anglicana, desaparecida já na segunda metade deste século. Ali existe, ainda hoje, próxima ao Campo Grande, a Rua Banco dos Ingleses, onde se localiza o Clube Inglês, e, já na Ladeira da Barra, o British Cemetery [Cemitério dos Ingleses] (DÓREA, 1999, 26).

Deste modo, as moradias construídas refletiam a riqueza dos moradores que ali viviam:

As famosas residências, [...] abrigaram a elite maior do estado, entre políticos, comerciantes abastados, cônsules estrangeiros, intelectuais, além dos assíduos frequentadores de saraus, banquetes ante-salas [sic] ou alcovas, de onde saíam as decisões mais importantes para a vida de toda a comunidade baiana (NEWTON, 1983, não paginado).

Construções distintas das então encontradas no Centro Histórico de Salvador, ou seja, “em contraponto às que permaneceram no pelourinho e adjacências” (CORREDOR..., 2003, p. 7), esses imóveis pertenciam a prósperos negociantes do Estado, destacando que Salvador era um dos maiores centros comerciais do hemisfério sul. O que revela que o Corredor da Vitória deu início à sua fama de zona nobre da cidade desde que as primeiras casas foram por ali construídas.

No pavimento térreo ficava a área social e no superior, a área íntima. Em relação à parte estética, seguiam ou o estilo Neoclássico, utilizando principalmente elementos da Renascença, com o telhado sempre encoberto por platibandas, ou o estilo Romântico, apresentando o beiral de telha à vista, jardins e elementos de estilos

históricos como Neomanuelino e Neogótico (MOTA, 2012, não paginado).

Era uma avenida de moradias consideradas “respeitáveis” pela população da capital baiana. “Morar na Vitória era o sonho. Ter um compadre que morasse na Vitória era item de curriculum dos mais modestos” (TEIXEIRA, 2001, não paginado). As tradicionais famílias regiam os costumes, determinavam a moda e ditavam o comportamento da sociedade, estando sempre no foco da cidade. “[...] chegou uma arquitetura que cobriu de casas os seus dois lados, umas de bom desenho, harmoniosas e agradáveis, outras sofrendo dum mau gosto de traço cujas heranças estão muito em moda. Mas fizeram um ambiente, criaram um certo estilo de viver em conjunto” (CELESTINO, 1983, não paginado).

Outro estímulo para a maior ocupação da área por ricos habitantes ocorreu devido à implementação do transporte público na cidade de Salvador. Pois, foi exatamente nessa área introduzida a primeira linha de bonde da cidade (Figura 2). “Em 18 de dezembro de 1869 foi inaugurado [...], essa linha atingiria o seu ponto final na praça municipal, onde a partir dali, os comerciantes que moravam na Vitória poderiam se deslocar à cidade baixa, [...] próximo ao porto, através do Elevador Hidráulico da Conceição” (MOTA, 2012, não paginado). Isto é, o atual Elevador Lacerda, famoso ponto turístico da Salvador.

Figura 2 – Linha de Bonde localizada na Vitória.

Em 1899, nasce o que viria a ser o Esporte Clube Vitória, até então conhecido como “Club de Cricket Victoria”.

Um dos primeiros clubes brasileiros, o Club de Cricket Victoria foi fundado no ano de 1899, em uma noite chuvosa do dia 13 de maio, quando os irmãos Valente, Arthur e Arthêmio, reuniram um grupo de amigos formado pelos mais representativos jovens da sociedade baiana, no casarão da família, no Corredor da Vitória. Onde, hoje, está localizado o Edifício Casablanca (ESPORTE CLUBE VITÓRIA, s.d., não paginado).

O encontro reuniu diversos jovens proeminentes da sociedade e, como quase todos residiam no bairro, optaram pelo nome “Vitória”. O críquete era um esporte muito desenvolvido pela colônia britânica que residia em Salvador, principalmente, no bairro. Trata-se de um esporte originalmente inglês. A história oficial do clube conta que, em 1901, José Ferreira Júnior foi mandado à Inglaterra para estudar e, ao retornar a Salvador, trouxe consigo o objetivo de praticar um novo esporte, o futebol. Assim, reuniu alguns amigos que até então jogavam críquete e promoveu o primeiro jogo. O sucesso do novo esporte foi imediato e, no ano seguinte, o “Club de Cricket Victoria” se tornou o “Sport Club Vitória”. O críquete não era mais o único esporte praticado pelos seus participantes, dividindo atenção também com o atletismo, a natação e o remo, além do futebol.

3.3 MARCOS DO SÉCULO XX

Ainda como memória histórica do bairro, vale destacar entre seu patrimônio um monumento-busto localizado no Largo da Vitória e de autoria desconhecida, inaugurado em 1911, e que homenageia Joaquim Manuel Rodrigues Lima “[...] médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, que foi voluntário do corpo de saúde na campanha do Paraguai”. (SAMPAIO, 1994, p. 02). “O busto estava, antes, defronte do Forte de São Pedro e, com as mudanças urbanas, foi removido para o largo de Nossa Senhora da Vitória” (TEIXEIRA, 2001, não paginado). O monumento traz exatamente a seguinte descrição: “Dr. em Medicina pela Faculdade da Bahia; voluntário do Corpo de Saúde do Paraguay; deputado provincial; senador do Estado; membro da Constituinte; Intendente do Município de Caeté, onde residia, e Governador deste Estado” entre os anos de 1892 e 1896. Este marco é importante, pois “[...] foi o primeiro governador da

Bahia durante o Período Republicano” (TEIXEIRA, 2001, não paginado) sendo sucedido por Luiz Viana.

O bairro ainda possuía seu próprio informativo, O Jornal “A Victória” contendo desde atividades culturais e diversas reportagens até informações sobre as famílias do bairro. “O jornalzinho elaborado por Aloísio de Carvalho informava às famílias do bairro as notícias da época, inclusive as ‘fofocas’ da sociedade” (NEWTON, 1983, não paginado) e circulou no início do século XX. Mais precisamente, “foi fundado em 1917, era sediado no número 28 do Corredor da Vitória e tinha como redator Carlos Gama de A. Ramos” (NEWTON, 1983, não paginado) cabendo a Carvalho escrevê-lo à mão.

Infelizmente, as fachadas de “mau gosto” das residências ou as “fofocas” da área não eram os mais infelizes dos casos relatados na história do bairro. Um passado grandioso também guarda lamentáveis acontecimentos que deixam suas marcas.

Os negreiros mais importantes tinham nele [Corredor da Vitória] suas suntuosas residências, das quais a mais notável era o Palacete Cerqueira Lima, onde se iniciava um túnel por onde passavam levas de escravos e que desembocava no mar, um pouco abaixo da Igreja da Vitória. Era o lado vergonhoso da sua História, a sua mancha negra e dolorida (CELESTINO, 1983, não paginado).

O cruel e lucrativo comércio de homens, o tráfico negro, faz parte deste passado. “Na Bahia, embora em declínio, o tráfico não sucumbiu por completo. Levas menores de negros ainda aportavam em Salvador [...]”, no porto da cidade (FLORENTINO; RIBEIRO; SILVA, 2004, p. 90). “Depois da decadência da família Cerqueira, funcionou ali o Colégio Sebrão e posteriormente a residência dos presidentes da Província e governadores do Estado” (BAHIA HOJE, 1996, p. 4).

Outro problema enfrentado pelo bairro refere-se à especulação imobiliária (Figura 3) que foi intensificada nesse período, a partir da década de 1960.

Figura 3 – Especulação imobiliária no bairro da Vitória.



Fonte: <<http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com.br/2011/03/corredor-da-vitoria.html>>.

Acesso em: 02 set. 2013.

O progresso imobiliário crescente no Brasil afetou e continua a afetar áreas de relevância histórica para o país. E um exemplo de destaque é o bairro da Vitória. Uma reportagem do Jornal Bahia Hoje de 1994 apresentou uma crítica sobre o assunto: “[...] a expansão imobiliária preservou a característica de bairro nobre da Vitória, graças aos luxuosos prédios que continuam sendo erguidos” (SAMPAIO, 1994, não paginado). O que mostra que “com o passar dos anos e a especulação imobiliária [...] surgiram edifícios não menos luxuosos que mostraram que morar no Corredor da Vitória ainda significa poder e *status* social” (BAHIA HOJE, 1996, p. 4). A história revela que, com o passar dos séculos, as classes de maior ascensão social da cidade, continuam a demonstrar interesse em residir no bairro.

3.4 A VITÓRIA DO SÉCULO XXI

Atualmente, por vezes esquecido, relegado apenas como um bairro residencial que abriga a elite de Salvador, a Vitória possui riqueza inegável de atrativos significativos para população soteropolitana e que chama a atenção também para o turismo local. Infelizmente, seu patrimônio está sendo destruído, seguindo a tendência do sistema capitalista de produção da sociedade, em que o retorno rápido e garantido de capital é o principal interesse.

O Corredor da Vitória chegou ao século XXI com menos de quinze exemplares da arquitetura eclética, sendo a maioria museus, sedes de órgãos públicos ou mansões transformadas em anexo de edifícios de luxo, construídos na parte posterior do terreno, uma nova forma de construção inaugurada no local a partir da década de 90 (MOTA, 2012, não paginado).

O sucesso dos empreendimentos imobiliários é tão grande que falta terrenos, mas a procura continua. É a história da Bahia sendo ameaçada, a “[...] substituição por frios, impessoais, inestéticas e terríveis armações de concreto armado [...]” (COSTA; ROSA, 1983, não paginado). A realidade mostra que o Corredor da Vitória “possui um dos metros quadrados mais valorizados da cidade”. (VIVAS, 2005, p. 06). O escritor Jorge Amado, em seu livro Bahia de Todos os Santos de 1986, deixa bem clara sua aversão ao pronunciar que “uma das mais belas ruas de todo o Brasil transforma-se em incrível e hostil floresta de arranha-céus, de brutal cimento armado” (SAMPAIO, 1994, não paginado).

São décadas de destruição de patrimônio. Com o passar dos anos, e sem um freio definitivo por parte de autoridades competentes, o bairro se tornou um grande canteiro imobiliário. Os edifícios ganharam novas roupagens, cada vez mais ousadas e custosas à herança do bairro. Inclusive, “não será surpresa se em alguns anos o bairro for encampado pelo vizinho, coisa que o marketing das construtoras tratou de fazer antes mesmo que isso aconteça. Na propaganda, tudo é Vitória”. (SANTANA, 2003, p. 28). O reconhecido charme e a elegância do bairro vende tão bem quanto as modernas estruturas construídas.

Edifícios com até 1000 metros quadrados – um por andar –, com piscina e um detalhe tão inusitado quanto irresistível: um teleférico italiano para levar os moradores até o atracadouro de lanchas. Na prática, tratava-se de um apartamento com marina e acesso exclusivo para o morador. Foi um sucesso. Foi não, ainda é (SANTANA, 2003, p. 28).

Medidas reais para modificar esse fato no bairro devem ser admitidas, porém o lema do “progresso” acima do “patrimônio” continua. “Na década de 60 havia um projeto que para a construção de um viaduto que ligaria o Canela à Graça num ponto em que seria possível descentralizar o acesso e liberar a Vitória para funcionar apenas em mão-única”. (SAMPAIO, 1994, p. 2). O projeto nunca saiu do papel, como vários outros na Bahia e no Brasil.

Grandes e ilustres famílias tiveram nelas [residências] seus melhores momentos. Respeitáveis tradições ainda conviveram com os nossos dias e muitos de nós ainda se recordam, com um misto de mágoa e alguma contida raiva, de belos exemplares de prédios cuja nobreza de linhas arquitetônicas, se não de grande pureza de estilo, tinham ao menos a força que um passado carregado de emoção e de história transmitia com certo encantamento e graça, a vida que retiveram (COSTA; ROSA, 1983, não paginado).

Uma tentativa para cessar a destruição das mansões foi o tombamento do local, uma luta na justiça que perdura até hoje. O Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas (SINARQ), em 1998, formalizou junto a dois institutos, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA) o tombamento da área, já que a prefeitura não possui nenhum meio de promover tombamentos municipais. Uma contradição para uma cidade considerada histórica.

Além desse fato, a prefeitura de Salvador nunca tinha demonstrado interesse em proteger as mansões ecléticas do bairro. Ao contrário, acabou por promover a destruição das mesmas quando aumentou o gabarito, que permite a construção de prédios com um maior número de andares ou até mesmo ao se manter inerte às transformações do bairro. No ano seguinte, o IPHAN abriu o processo de tombamento do Corredor da Vitória. No IPAC-BA a solicitação não teve resultados.

Após diversos anos, e inúmeras discussões não só por parte de entidades de preservação, mas em toda a sociedade, resultando em diversos impasses entre os benefícios para preservação *versus* modernização do bairro, o IPHAN “publica edital com de tombamento provisório de 12 imóveis isolados na Vitória no Diário Oficial da União” (A TARDE, 2004, não paginado). O Processo Nº 1.451-T-99 referente ao conjunto conhecido como “Corredor da Vitória” incluía as seguintes construções: Casa d’Itália; Palácio da Aclamação; Antiga Residência Cardinalícia; Hotel Caramuru; Antiga residência do jornalista Jorge Calmon; Museu de Arte da Bahia; Residência universitária da Universidade Federal da Bahia; Residência da Família Cunha Guedes; Av. Sete de Setembro; Ferro Velho, Residência Verena Wildberg; Igreja Nossa Senhora da Vitória (e seu acervo) (WEINSTEIN, 2003, p. 5). Ficando essas construções legais e definitivamente protegidas contra demolições ou quaisquer adulterações. Outras construções de grande importância já tinham sido vendidas para empresas imobiliárias, a exemplo do “Morada dos Cardeais” que recebeu esse nome por ter feito “[...] parte do

Palácio Episcopal, um palacete em estilo vitoriano que já hospedou o Papa João Paulo II duas vezes [...]”. (SANTANA, 2003, p. 29).

Mas o processo não foi levado à frente. O então presidente do IPHAN, Antonio Augusto Arantes Neto, em nota de esclarecimento em maio de 2004, alegou que “a preservação dos bens remanescentes do Corredor da Vitória só se tornará efetiva mediante ação eficiente e vigorosa dos organismos municipal e estadual” (ARANTES NETO, 2004, não paginado). E ainda recomendou ao “Governo do Estado da Bahia e à Prefeitura de Salvador que adotem medidas visando à efetiva salvaguarda dos remanescentes que são do interesse da população local e que ainda contribuem para a qualidade ambiental dessa área da cidade” (ARANTES NETO, 2004, não paginado). Revelando que, para o IPHAN, os bens situados na Vitória não representam valor histórico, artístico ou cultural nacional, apenas local. Simultaneamente, no mesmo ano, o IPHAN abriu processo de retificação do arquivamento do processo. Contudo, da lista com 12 edificações a serem tombadas pelo Instituto, a única construção que foi tombada, até os dias atuais, trata-se da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, em 2007.

O debate persiste e parece não ter fim. São muitas questões envolvidas e muitos os envolvidos: o próprio IPHAN que, embora com atraso, acabou por reconhecer o mérito do bairro; as imobiliárias que desejam construir sem maiores problemas, como alvarás que impeçam o levantamento dos edifícios; e a comunidade local, que busca a preservação e valorização de sua herança. E, com o aumento no número de imóveis no local, outro agravante ganha força: os constantes engarrafamentos. Não há espaço para comportar de forma satisfatória o grande número de residentes do bairro.

Apesar dos problemas, ou devido a todos os problemas causados por tanta procura pelo bairro, o sucesso do bairro que atrai tantos holofotes é explicado não só por sua história e herança, mas pela ligação dessa história com o que, atualmente, proporciona a seus moradores e visitantes. “Apesar de pequeno [o bairro], os moradores não quebram a cabeça quando precisam de um serviço. Podem encontrar nas proximidades de casa padarias, farmácias, cinema, museu, colégio, curso de línguas, entre outras facilidades do dia a dia” (RIBEIRO, 2004, p. 16).

Vale ressaltar ainda, a presença da residência universitária pertencente à Universidade Federal da Bahia. “A concentração de escolas [...] faz com que o bairro ganhe todos os dias a visita de jovens, garantindo a vitalidade e a movimentação no local” (SAMPAIO, 1994, p. 2). O que faz com que as diversas atividades culturais promovidas no bairro mereçam ainda mais destaque. Um bairro pequeno do ponto de

vista territorial e que concentra três importantes museus: o Museu de Arte da Bahia, o mais antigo museu do Estado; o Museu Geológico, centro de pesquisa e difusão do patrimônio geológico da Bahia; e o Museu Carlos Costa Pinto, instituição particular mantida através de convênio com o Governo do Estado da Bahia. E, além destes, dois centros culturais: o Goethe-Institut/Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA) e a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), que reúnem exposições, feiras e apresentações teatrais.

Fato é que “[...] o Corredor da Vitória teve participação ativa e fundamental na história política, social e econômica da Bahia” (NEWTON, 1983, não paginado) e esse papel não se perdeu ao longo dos séculos.

Por toda a história do Corredor da Vitória que foi relatada, considera-se que as diferentes atividades voltadas para difundir a cultura de Salvador são admiráveis e dignas de público. Afinal, trata-se de uma formidável parte da história do Estado que não deve ser relegada, deixada ao esquecimento. Ao contrário, precisa ser sempre lembrada e valorizada. E, uma das formas para que seja cada vez mais difundida, é através da utilização do bairro para a atividade turística.

4 POTENCIAL TURÍSTICO DO BAIRRO DA VITÓRIA

O bairro da Vitória se apresenta como um aglomerado de atrativos bem próximos entre si, que podem trabalhar em função de interesses e alternativas conjuntas para utilizar turisticamente seus respectivos patrimônios históricos e culturais, assim como outros bens afins. A riqueza histórica, arquitetônica e cultural revela que o bairro tem muito a oferecer aos seus visitantes e seus atrativos formam a base que pode complementar e enriquecer a oferta turística de Salvador.

Nesse sentido, os atrativos do bairro, como serão vistos no presente capítulo, incentivam a uma revisão do que é oferecido no turismo da cidade. Vislumbrando uma geração de novas oportunidades e diversificação de conhecimento no que tange ao turismo cultural.

O levantamento dos atrativos valida o potencial turístico do bairro. Na descrição de cada atrativo, é possível observar as suas características próprias que, em sua maioria, trabalham com o foco na difusão do conhecimento, interação com a história e diversidade, sendo dotados de infraestruturas e serviços adequados e que permitem a vivência de experiências valiosas para os visitantes.

4.1 LEVANTAMENTO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS

Levando em conta os atrativos localizados no bairro da Vitória e seu apelo turístico, encontram-se as seguintes instituições culturais: Museu de Arte da Bahia, Museu Carlos Costa Pinto, Museu Geológico da Bahia, Igreja de Nossa Senhora da Vitória, Goethe-Institut Salvador e Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.

As informações abordadas neste capítulo foram obtidas a partir de visitas de campo e por meio da realizações de entrevistas com seus representantes, durante os meses de setembro e outubro de 2013 (APÊNDICES A-F). Além disso, dados complementares foram coletados por meio de consulta a materiais impressos e digitais disponibilizados pelas próprias instituições.

4.1.1 Museu de Arte da Bahia

O Museu de Arte da Bahia é o mais antigo museu do Estado, sendo um dos dez primeiros fundados no Brasil. Sua história começou a ser delineada em 1871, quando o então vice-presidente da Província da Bahia, Francisco José da Rocha, comprou da família do médico inglês Jonathas Abbott, radicado há muitos anos em Salvador, uma coleção de pinturas – quadros de pintores europeus e baianos – para construção de uma galeria no Liceu de Artes e Ofícios (MELO, 2005, p. 99).

O Museu de Arte da Bahia, fundado como Pinacoteca Oficial do Estado, foi aberto à visitação pública pela primeira vez em 1931, ano em que os baianos tiveram acesso a coleção de pintura Jonathas Abbott através da visitação (VIA BAHIA, 1997, p. 40). O museu teve a sua primeira sede localizada no Campo Grande, no Solar Pacífico Pereira, onde hoje se encontra o Teatro Castro Alves, tendo aí permanecido de 1931 a 1946.

Após a compra, em 1946, das coleções de artes decorativas e da casa residencial que pertenceram ao Dr. Góes Calmon, o Museu do Estado, assim denominado, passou a ter um novo perfil, conferido pelo Prof. José Valadares – seu primeiro diretor – que esteve à frente desta Instituição de 1939 a 1959, tendo projetado-o no âmbito nacional. Começando então, uma importante organização referente ao acervo, pesquisa, catalogação das peças e implantação da biblioteca (MELO, 2005, p. 100).

Com o aumento do acervo e a necessidade de uma sede maior fez com que o museu fosse sediado no Palacete Góes Calmon no ano de 1943. Passando por reformas outros locais provisórios como: as salas do Convento do Carmo e o Museu do Recôncavo Warderley Pinho foram utilizados para abrigar as exposições. Apenas em 1982 o museu foi transferido para o Palácio da Vitória, antiga sede da Secretaria da Educação, sendo reformado pelo então governador Antônio Carlos Magalhães o museu foi restaurado tendo seu acervo recuperado.

De 1983 a 1991, o museu teve como diretores o artista plástico Luís Jasmin, além das museólogas Antônia Barros Pinheiro e Valdete Paranhos. Em abril de 1991, a museóloga Sylvania Athayde foi nomeada a nova diretora do Museu de Arte da Bahia, cargo que conserva até hoje.

O casarão, que hoje abriga o Museu de Arte da Bahia (Figura 4), chamado de Palácio da Vitória, possui um estilo neocolonial que já serviu de residência oficial,

morada de ricos comerciantes de escravos e, também, um colégio. (FRANÇA, 2009, p. 4). Por isso, guarda uma íntima relação com a vida social, política e econômica de Salvador, desde o início do século XIX (MELO, 2005, p. 99).

Figura 4 – Museu de Arte da Bahia.



Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/24516315>>. Acesso em: 02 out. 2013.

Conforme foi observado em pesquisa de campo, a estrutura física do Palácio da Vitória apresenta três andares: no térreo localiza-se o saguão de entrada, e dá acesso ao Salão de Exposições Temporárias, auditório, administração e a loja do museu; no pavimento superior, se encontra a Exposição Permanente com o acervo do museu, além de abrigar a reserva técnica; e, no subsolo, funcionam almoxarifado, guarda de livros e a central de carpintaria.

O Museu de Arte da Bahia apresenta instalações adequadas à exposição e valorização do seu acervo, distribuídas em dois diferentes percursos: artes plásticas e artes decorativas do século XVIII a meados do século XX; e às múltiplas atividades culturais, como exposições temporárias, cursos, ciclos de conferências, recitais de música e exibição de filmes de arte.

Com mais de um século de história, o acervo do museu é composto por aproximadamente 12 mil peças (CASTRO, 2008, p. 1). É constituído por duas grandes coleções: artes plásticas (pintura e escultura) e artes decorativas, destacando-se peças notáveis do mobiliário baiano destaque para as peças de caráter religioso, o conjunto de porcelanas orientais e europeias – onde se inclui a coleção de louça histórica brasileira. As porcelanas representam uma das mais importantes coleções que integram o acervo

do museu, sendo que o conjunto exposto em grandes vitrines é, em sua maioria, de fabricação chinesa (MELO, 2005, p. 103).

Outras peças compõem o acervo como: a coleção de objetos de prata; pincéis de balagandans; joias de ouro usadas pelas crioulas e joias em coral; os leques do tipo mandarim, com estojo em laca pintada, de renda e de prata filigranada com aplicações de esmalte que mostram o requinte das mulheres nos séculos passados.

A Exposição Permanente do Museu de Arte da Bahia possui ainda coleções de numismática, isto é, de moedas; além de desenhos, gravuras, fotografias e documentos históricos, formando um conjunto de obras de grande valor artístico e histórico (MELO, 2005, p. 103). Além das exposições permanentes, as exposições temporárias também tem espaço no museu com duas salas específicas promovendo diversificação ao museu.

O espaço devidamente climatizado visa um público bem eclético como afirma a diretora Sylvia Athayde, procuramos incluir o acervo em grandes eventos e trazer para este espaço exposições importantes, que atraiam um público diversificado (REVISTA VIA BAHIA, 1997, p. 40).

Em entrevista concedida às pesquisadoras, a diretora do museu Sylvia Athayde, ressaltou a importância das exposições temporárias “é o grande chamariz. Quem mora aqui [em Salvador] costuma dizer: ‘eu já conheço o acervo’. E essas pessoas retornam como? Se houver um chamamento através de exposições temporárias, de cursos. Às vezes uma pessoa vem aqui ver uma exposição temporária e diz: ‘vou dar um pulinho lá em cima, matar a saudade’” (ATHAYDE, 2013, não paginado). Mostra-se com essa afirmação que o intuito de incluir um museu com tanta história no cotidiano das pessoas dando-lhes a oportunidade de ter acesso a outras exposições só enriquece.

Além do rico acervo, o museu abriga a biblioteca Jose Pedreira. Fundada em 1931, pelo historiador Francisco Borges Barros com cerca de 300 volumes, atualmente a biblioteca tem cerca de 9 mil livros e 15.815 recortes de jornais, além de uma grande coleção de catálogos de exposições individuais e coletivas. Sua coleção de periódicos nacionais e estrangeiros reúne cerca de 261 títulos (MELO, 2005, p. 103). A biblioteca tem sido muito importante nas atividades de pesquisa, sendo utilizada pelo público em geral.

Com tanta oferta, a contribuição cultural do museu para com a cidade é indiscutível, principalmente por ser considerado pela diretora como um atrativo turístico, representando a história da Bahia. É um potencial imensurável. A história da cidade, a parte urbanística, arquitetônica, social, onde o bairro da Vitória é um dos mais importantes (ATHAYDE, 2013).

Visitar um museu que guarda a memória social, política, econômica, até certo ponto, porque representa, também, um patrimônio, é você conhecer a cidade. Aqui é possível conhecer como as pessoas viviam nos séculos passados, como era o “gosto” daquela época. Das casas, tudo aquilo que decorava uma casa, porque existiam determinados objetos, como é que as pessoas dormiam, como era uma alcova, porque que as louças eram importadas, são perguntas que as pessoas vão se fazendo à medida que observam o acervo do museu (ATHAYDE, 2013, não paginado).

Mas o museu não tem desempenhado seu papel social, cultural e turístico como deveria. Como a maioria das instituições públicas, a falta de apoio governamental pesa em momentos no qual posições mais efetivas deveriam ser tomadas. O Museu de Arte da Bahia, como bem coloca a diretora, acaba sendo vítima, por falta de ações estratégicas que o projete. Quem deveria se incumbir disso, primordialmente, seria o Estado, a prefeitura, os órgãos que tem o turismo na mão. Os órgãos competentes têm que usar essas forças motoras, que são as instituições culturais, para fazer delas um veículo de turismo.

O descompromisso governamental é um ponto muito discutido e é apontado por Athayde (2013, não paginado), quando afirma que “a deficiência de pessoal é absoluta. Não existem coisas básicas e necessárias”. Como é o caso a imprevisibilidade orçamentária. Nesse sentido, alguns setores do museu também acabam sendo prejudicados. Exemplo disto se encontra o setor educativo, sendo que concerne ao mesmo a responsabilidade de atender à comunidade, às instituições, às escolas e ao público em geral. Porém, o setor não atende efetivamente pela falta de funcionários, cabendo à diretora se responsabilizar em fazer visitas e resolver tantos outros desfalques.

Dentre os impasses, a divulgação foi um dos pontos mais latentes. O Museu de Arte da Bahia, com tanta representatividade cultural, não conta com um *site* oficial, apenas um *blog* que está desatualizado, os hotéis no entorno não o divulgam, nem está inserido em roteiros turísticos. “Existem grupos de agências que chegam apenas na

porta e vão embora. Conhecem apenas a fachada do Museu” (ATHAYDE, 2013, não paginado).

Em contrapartida, afirma a diretora sobre a localização “só favorece. É uma das vias de acesso mais frequentadas, é o Museu mais bem localizado da Bahia” (ATHAYDE, 2013, não paginado). Mesmo com diversas dificuldades internas, o visitante do Museu de Arte da Bahia costuma voltar por sempre observar e esperar algo diferente no museu. “Seu olhar vai mudando, seu interesse vai mudando. Você vê um quadro quando você tem 25 anos e vê o mesmo quando tem 50 anos é completamente diferente. A sua cabeça é outra, o seu olhar é outro. Você não conhece, realmente, um lugar quando se vai uma vez só”. (ATHAYDE, 2013, não paginado).

Os dados obtidos em relação aos visitantes do Museu são tabulados, mas nem sempre esse trabalho é feito regularmente devido à falta de funcionários. Contudo, através da pesquisa de campo, foram obtidos dados relevantes. O Museu de Arte da Bahia recebeu, entre janeiro e outubro de 2013, 90.773 visitantes e as informações quanto à procedência esta descrita no Quadro 1.

Quadro 1 – Visitação em entre Janeiro e Outubro/2013 quanto à procedência dos visitantes, Museu de Arte da Bahia.

QUANTO À PROCEDÊNCIA	
ANO	JAN À SET/2013
Bahia	76%
Outros Estados	14%
Outros países	10%

Elaboração: Almeida e Carvalho (2013), a partir de dados disponibilizados pelo Museu de Arte da Bahia (2013).

Os dados revelam a predominância de residentes do Estado que visitam o Museu. E comprovam que seu potencial turístico não é valorizado pelo próprio Estado que o administra. Esse panorama do Museu de Arte da Bahia comprova que seu potencial e história revelam um legado de suma importância para a arte e a cultura baiana, todavia, o olhar para as necessidades básicas do Museu e sua inclusão com efetividade no campo do turismo não é assunto prioritário. Como bem coloca a diretora, uma das grandes deficiências de um Estado que pretende puxar uma veia turística é a falta de suporte que eles oferecem a seus equipamentos turísticos, a exemplo dos Museus.

4.1.2 Museu Carlos Costa Pinto

A criação do Museu Carlos Costa Pinto se deu a partir do desejo de seu fundador em reunir suas obras adquiridas durante mais de 25 anos de vida. Porém, quando faleceu, aos 61 anos, no ano de 1946, Carlos Costa Pinto não conseguiu alcançar seu objetivo. Mas sua esposa, Margarida Costa Pinto, acreditou no sonho do marido e o levou a frente. Assim, em 5 de novembro de 1969 o museu foi inaugurado em sua homenagem (FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 9-10).

A coleção, reunida por mais de 25 anos pelo casal Costa Pinto, está instalada desde a formação do museu, numa majestosa casa em estilo colonial americano, em uma localização privilegiada na cidade de Salvador. O Museu Carlos Costa Pinto detém um acervo de cerca de 3 mil obras de artes decorativas dos séculos XVII ao XX (O QUE É QUE A BAHIA TEM, 2006, p.2).

“Ao doar as peças de sua coleção, constituindo uma fundação e instituindo o Museu, D. Margarida deu a coletividade um exemplo superior de desprendimento, preservando para a Bahia a memória de três séculos de arte, cultura e literatura” (FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 10).

D. Margarida participou ativamente para a concretização desse sonho iniciado em 1968, ano anterior à inauguração do museu (O QUE É QUE A BAHIA TEM, 2006, p.2) e contou com a colaboração singular da então recém-formada museóloga Mercedes Rosa, fundadora e curadora do museu. Isto representa mais de 40 anos à frente da fundação já que a mesma até hoje encabeça a organização do museu, ocupando a sua direção. D. Margarida “faleceu em 23 de março de 1979, aos 83 anos” (FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 10), mas ao longo de sua história foi “agraciada com duas condecorações: a da Ordem do Rio Branco e da Ordem do Mérito da Bahia” (FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 10). O museu é uma fundação particular, mas possui convênio com o Governo do Estado da Bahia.

A construção de dois andares onde foi instituído o Museu Carlos Costa Pinto (Figura 5) é uma verdadeira mansão que nunca chegou a se tornar moradia. Inicialmente, o plano era de servir de residência para D. Margarida, contudo, este foi

modificado ao longo da construção, sofrendo adaptações para comportar a nova função. A casa data de 1958 e consistiu um “projeto dos arquitetos Euvaldo Reis e Diógenes Rebouças” (FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 11).

Figura 5 – Museu Carlos Costa Pinto.



Fonte: <<http://roteiroalternativosalvador.wordpress.com/museu-carlos-costa-pinto/>>. Acesso em: 18 set. 2013.

O acervo do museu é composto por três núcleos divididos em doze coleções: a coleção de artes decorativas reunida pelo patrono Carlos Costa Pinto; a coleção de medalhas e ordens honoríficas que pertencem ao D. Luis Viana Filho, que viabilizou o museu quando foi governador da Bahia; e a coleção de desenhos, gravuras e pinturas doadas por artistas baianos contemporâneos para compor a Galeria do Auditório do Museu, na década de 1970. Garantindo as doze coleções denominadas de Cristal, Desenho, Diversos, Escultura, Gravura, Imaginária, Mobiliário, Ordens Honoríficas, Ourivesaria, Pintura, Porcelana e Prataria que retratam o estilo de vida da sociedade baiana colonial, imperial e republicana (FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 15).

Todo acervo é valorizado pelo conjunto onde se funde a beleza dos séculos XVII ao XX, com a homogeneidade da melhor prata existente no Brasil, a delicadeza e a graça das louças chinesa e europeia, o encanto dos leques, a riqueza das joias brasileiras do passado e a elegância dos cristais [...] (FUNDAÇÃO CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 13).

Fazendo parte de sua história, também se encontra a revitalização ocorrida no ano de 2000 de suas “instalações museográficas, à luz de uma revisão museológica orientada” (O QUE É QUE A BAHIA TEM, 2006, p.3) um avançado projeto de atualização museográfica e museológica, que compreendeu mudanças nas vitrines e painéis deslocáveis, compatíveis com as mais modernas exigências museológicas internacionais. “Essa reformulação museológica e conceitual, compreende também a realização de exposições temporárias de outras coleções brasileiras, particulares e institucionais” (MUSEU CARLOS COSTA PINTO, s.d., não paginado).

Além de seu acervo, que consiste em uma coleção fechada e permanente, ou seja, que não adquire nem aceita doação de peças, o museu é composto por outros ambientes. Um deles, de grande relevância, é sala de exposições denominada Regina Real. Em entrevista com o representante do museu, funcionária do setor educativo, o mesmo discorreu sobre essa necessidade: “para você movimentar o museu é sempre bom você estar recebendo exposições de fora, pode ser de artistas, de colecionadores ou qualquer outro tipo de exposição, um trabalho artístico desenvolvido com uma comunidade ou instituição”. Ele se refere à importância de estar sempre renovando, buscando informações novas, conseqüentemente, uma forma de atrair mais visitantes. As exposições deste ambiente duram em torno de um mês, porém, é um tempo que varia, dependendo da dimensão da exposição.

Outro relevante marco constituinte do museu é a Biblioteca Margarida Costa Pinto, “inaugurada em 1974, especializada em arte, mais especificamente artes decorativas” (MUSEU CARLOS COSTA PINTO, s.d., não paginado). Atualmente, a mesma se encontra fechada ao público por falta de pessoal contratado. Já outro espaço do Museu é o Balangandan Café, inaugurado em abril de 2003 (MUSEU CARLOS COSTA PINTO, s.d., não paginado) que se representa mais um ambiente do museu e um serviço que contribui para prolongar o tempo de estadia dos visitantes, tornando-o mais agradável e proporcionando maior conforto. E que acaba por se tornar um espaço de atração não só ao visitante do museu, mas ao público em geral. Podendo, então, despertar o interesse e aproximar as pessoas que o frequentam do museu.

Há ainda um auditório com capacidade de 110 lugares onde acontece toda quinta-feira o “Cinema do Museu” com exibição de filmes antigos. Trata-se de uma maneira de aproximar a população da cidade, principalmente os residentes do bairro da Vitória, com ao museu. E também há uma loja de *souvenirs* que foi inserida no circuito de visita, local onde é vendido o ingresso para as sessões de cinema.

Toda esse sistema de serviços é desenvolvido e organizado a partir de três setores que administram o Museu Carlos Costa Pinto: o Setor de Conservação, Documentação e Pesquisa, que monitora o estado de conservação do acervo e proporciona suporte teórico para todas as atividades realizadas; o Setor Cultural, que promove cursos, palestras, seminários e eventos diversos; e o Serviço Educativo, que atende estudantes, terceira idade e pessoas com necessidades especiais, através de visitação previamente agendada (FUNDAÇÃO CARLOS COSTA PINTO, 2003, p. 12).

O setor educativo é o responsável pelo atendimento ao público do museu. O mesmo não possui visita guiada, a menos que esta seja agendada previamente. E é dado prioridade a grupos maiores, como de escolas públicas e privadas de Salvador. Se um visitante, ao chegar ao museu, desejar um guiamento ou então tirar alguma dúvida acerca do acervo e/ou das exposições, atualmente não existe um profissional responsável por tal função.

Apesar disso, o Carlos Costa Pinto disponibiliza em sua entrada um questionário do “perfil do visitante” em português ou inglês que aborda questões como “quem indicou sua visita ao museu?”, “o que você mais gostou da visita?” e se “tem alguma sugestão a dar?”. Além de perguntar “origem”, “grau de escolaridade” e “faixa etária” e pedir identificação com “nome”, “e-mail” e “profissão”. Apesar disso, o museu não tabula esses dados. Embora, em 2013, a administração do Museu ordenou um comparativo, entre os anos de 1999 e 2013, “buscando aperfeiçoar o trabalho desenvolvido pelo Museu” com resultados quanto à procedência de seus visitantes de algumas categorias como demonstra o Quadro 2.

Quadro 2 – Comparativo entre os anos de 1999 e 2013 quanto à procedência dos visitantes, Museu Carlos Costa Pinto.

QUANTO À PROCEDÊNCIA - PAÍSES		
ANO	1999	2013
Brasil	71%	74%
Outros países	29%	26%
QUANTO À PROCEDÊNCIA - ESTADOS		
ANO	1999	2013
Bahia	62%	65%
São Paulo	10%	13%
Rio de Janeiro	9%	10%
Outros Estados	19%	12%

Elaboração: Almeida e Carvalho (2013), a partir de dados disponibilizados pelo Museu Carlos Costa Pinto (2013).

Nesse contexto, a pesquisa revela que, em geral, houve um aumento no número de vistas ao museu. Notadamente, a maior representatividade de visitantes é de brasileiros e baianos.

Segundo informações do próprio museu, são diversos grupos a serem atendidos, além das demais visitas que, apesar de chegarem sem ter solicitado um atendimento prévio são, quando possível, atendidos e guiados.

Esse mesmo setor é ainda responsável pelo *marketing* do Museu Carlos Costa Pinto através de *site* que possui uma formatação permanente, além do *blog*, *Facebook*, *mailing* e materiais impressos que possibilitam de forma mais dinâmica a divulgação de eventos e atividades cotidianas realizadas no museu. Isso ocorre porque para alimentar o *site* é necessária uma verba para a administração regular do mesmo. Já os outros meios de divulgação são criados e ajustados de forma gratuita. A representante do museu explica que tudo depende da viabilidade econômica. Se determinado evento/exposição possui maior viabilidade é possível entrar em contato com outros meios de difusão, como televisão e o rádio. Mas, geralmente, as ações culturais, são propagadas pelo próprio museu através dos meios digitais e da tradicional propaganda boca-a-boca.

Os materiais impressos são distribuídos dentro da própria instituição, na recepção, loja e guarita. Este último é o local responsável por grande distribuição dos impressos, já que fica aberto pela manhã, horário que o museu se encontra fechado. E a população do bairro já possui o costume de lá buscar informações sobre os eventos, principalmente, sobre sessões e filmes do “Cinema do Museu” muito frequentado por pessoas da terceira idade, um público já cativo.

A representatividade que o Carlos Costa Pinto possui junto à comunidade de Salvador é expressiva. Se falar em relação ao bairro, é ainda maior. É um fato que as atividades desenvolvidas no museu contam com uma maior presença por parte da população residente em Salvador e no estado da Bahia. Os próprios meios de divulgação do museu demonstram esta ocorrência, uma vez que os materiais impressos são, em sua maioria, distribuídos apenas no local.

Uma alternativa para essa situação é a elaboração de um *folder* em língua portuguesa e inglesa, idealizados para serem distribuídos nos hotéis de Salvador. Esta seria uma forma de atrair turistas tanto de fora do Estado como de fora do país. E, apesar da representante do museu não confirmar a presença do mesmo como um atrativo divulgado pelas agências de viagens; ela acredita nesta possibilidade, já que o

museu recebe diversos grupos de turistas que chegam acompanhados de seus próprios guias. Inclusive, esses guias costumam frequentar os cursos realizados no museu como uma forma de se atualizar na profissão. Assim, mais uma vez, o Museu Carlos Costa Pinto demonstra que é uma instituição cultural importante para a comunidade de Salvador.

Logicamente, o mesmo também apresenta dificuldades. Principalmente, conforme cita sua representante, nas questões que necessitam de viabilidade financeira. Possuindo maior verba, seria possível realizar mudanças, muitas vezes pequenas, mas que fariam a diferença. Por exemplo, adquirir equipamentos mais modernos. No auditório do museu ainda são passados os filmes por meio de DVD, quando a instalação de um computador com capacidade de leitura para USB, possibilitaria a oportunidade de maiores eventos e permitiria a passagem de mais diversos filmes no “Cinema do Museu”. Outros aspectos a serem melhorados são: melhor sinalização, com placas; instalação de sistema de leitura para deficientes visuais, isto é, em braille; maior acessibilidade para deficientes físicos ou pessoas com dificuldades de locomoção; e uma equipe maior, onde seus participantes poderiam se dedicar com maior afinco a determinada atividade.

Contudo, o museu também expõe pontos favoráveis. Por exemplo, no que diz respeito ao transporte; tanto em relação ao estacionamento de carros, por possuir estacionamento próprio, além de estacionamentos próximos ao bairro, quanto em relação ao transporte coletivo, possuindo diversas linhas de ônibus que passam na sua frente e também por possuir bairros vizinhos, como o Campo Grande e Barra, que possuem diversas outras possibilidades de linhas, facilitando a chegada e saída dos visitantes.

A representante do Carlos Costa Pinto ainda salienta que o Corredor da Vitória é considerado como “um local de passagem de pontos turísticos”. Para se chegar a diferentes pontos turísticos consagrados da cidade é costume a passagem pelo Corredor, o que se constitui, em sua opinião, um ponto favorável ao museu. Pois esta é uma forma de chamar a atenção do turista para a existência do atrativo. Outro fator de potencialidade é a existência de hotéis no bairro, uma forma de atrair turistas, pois estes acabam circulando na região.

Apesar de receber mais visitantes do próprio estado e, principalmente, da própria cidade, a representante do museu foi contundente ao responder se considera o

Museu Carlos Costa Pinto um atrativo turístico. Sua opinião é sim, o museu se constitui um importante atrativo turístico de Salvador.

4.1.3 Museu Geológico da Bahia

O Museu Geológico da Bahia foi inaugurado em 4 de março de 1975 e atualmente está vinculado à Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração (SICM) do estado. É um centro de pesquisa, divulgação e preservação do patrimônio geológico da Bahia e desenvolve projetos de cunho científico, educativo e cultural (MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA, s.d., não paginado).

Uma visita ao Museu Geológico da Bahia é um convite a conhecer o solo e as rochas onde pisamos, as riquezas do subsolo, bem como os fósseis dos seres que habitaram a nossa Terra. Permite ao público conhecer a história geológica e o patrimônio mineral desse Estado. (MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA, 2013, não paginado).

Segundo a representante, o museu impressiona pelo seu rico acervo totalizando 20 mil peças, sendo um dos maiores de rochas, minerais, pedras preciosas e fósseis da Bahia, que estão divididas em 14 salas (MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA, 2013, não paginado). O acervo, inclusive, é citado como ponto de suma importância pela representante da instituição, com destaque à colaboração científica e ao papel de difusor do conhecimento que o museu tem.

Durante visita de campo, foi constatado que sua estrutura física apresenta-se da seguinte forma: um prédio de três andares distribuído em primeiro andar, térreo, solo e subsolo. Cada andar possui sete salas, sendo o térreo e primeiro onde funcionam as exposições. Há ainda de uma rampa de acesso para pessoas com dificuldades de locomoção, estacionamento e, em anexo, situa-se a Sala de Arte na qual funciona o Cinema do Museu.

Parte integrante do Museu Geológico da Bahia (Figura 6), a Sala de Arte teve seu auditório inaugurado em 1985 e abriga, desde 1996, o Cinema do Museu – uma das salas de projeção de filmes de Salvador. A sua administração é privada e conta com alguns parceiros institucionais, dentre eles o próprio Museu Geológico. O espaço que integra a Sala de Arte possui um auditório com capacidade para 125 lugares, destinados à projeção de filmes educativos e realização de eventos científicos e culturais. E um

café à sombra de uma centenária mangueira, de onde se avista um belo mural do artista plástico Juarez Paraíso.

Figura 6 – Museu Geológico da Bahia.



Fonte: <<http://www.sicm.ba.gov.br/Pagina.aspx?pagina=mgb>>. Acesso em: 14 out. 2013.

Quem visita o museu tem a sensação de ter feito uma viagem no tempo geológico por meio das suas exposições com os seguintes temas: Sistema Solar e Meteoritos, Minerais, Rochas, Recursos Minerais, Garimpo, Minerais Radioativos, Artesanato Mineral, Energia dos Cristais, Petróleo, Gemas, Coleção Otto Billian, Fósseis e Rochas Ornamentais.

O espaço possui alguns Laboratórios, como o de Rochas e Minerais e o de Paleontologia, que proporcionam ao visitante a oportunidade de conhecer a rotina de um paleontólogo, as atividades de curadoria e pesquisa, como as técnicas de preparação, limpeza e conservação de amostras e o tombamento dos fósseis.

As exposições do Museu Geológico da Bahia são classificadas em exposições de longa duração, temporária e itinerante. Uma das mais requisitadas, por despertar grande curiosidade dos visitantes, é a exposição de fósseis. “Em exposição fósseis de animais e vegetais, de vários períodos geológicos, encontrados principalmente na Bahia, além de exemplares do Brasil e de outros países” (MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA, 2013, não paginado).

Apesar de possuir exposição permanente, o museu ainda abriga três salas destinadas a exposições temporárias. “Realizamos exposições temporárias na área de geologia e também apoiamos exposições culturais, como mostras de artes plásticas,

fotografias, entre outros” (MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA, 2013, não paginado). As contratações para expor algum trabalho no Museu Geológico é uma forma de valorizar os artistas baianos que buscam uma oportunidade, por isso elas são realizadas de maneira gratuita, e também para que o público tenha o acesso facilitado. Como não há um padrão para o período de duração de uma exposição, esse acaba sendo bem variado.

Diversas parcerias feitas entre o museu e algumas instituições colaboram para o desenvolvimento dos estudos científicos na Bahia e sua difusão. Como exemplo, destacam-se as parcerias com a Petrobras, na construção da Exposição Petróleo, a qual trata da história do petróleo no Brasil, com especial atenção para a Bahia; e a parceria do museu com as Indústrias Nucleares do Brasil (INB) na construção da sala de Minerais Radioativos, que destaca o urânio, e explica os tipos de radiação, as aplicações na agricultura, na energia elétrica e até em exames médicos e aparelhos hospitalares.

No intuito de ser uma fonte de informação fora da sede, o Museu Geológico desenvolve projetos itinerantes, atravessando barreiras e proporcionando ao público que não tem acesso ao museu adquirir conhecimentos através dessa interação. Através do Programa Exposições Itinerantes (PEI), o museu recebe e atende às solicitações das prefeituras municipais, associações, instituições de ensino, centros culturais e sociais dentre outros.

É neste contexto, que o Museu Geológico participa de eventos na capital e interior do estado como: Feiras Industriais, Educativas, Exposições, e tantos outros, cujos temas são adequados à vocação geocientífica da região ou aos eventos (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER DE PLANALTINO, 2012, não paginado).

Para quem e tem a oportunidade de conhecer de perto, o Museu Geológico da Bahia é aberto ao público e as visitas podem ser feitas através da visitação espontânea, que são realizadas por pessoas que livremente buscam conhecer o acervo do museu. Ou então, por meio de visita orientada, exclusiva para grupos acima de cinco pessoas.

Na visita espontânea não há guiamento, mas para os grupos o museu oferece a visita orientada por monitores, cuja atuação profissional merece destaque pelo grau de conhecimento acerca do museu. Esse tipo de solicitação é comum por parte de diversas entidades públicas e privadas, principalmente escolas, as quais estão inseridas no

Programa Museu Escola Comunidade. Todo contato é feito de forma gratuita e a visita deve ser agendada por telefone ou por e-mail, através do setor educativo.

Durante a pesquisa, o Museu Geológico se declarou como um atrativo turístico, por despertar no visitante e no turista um conhecimento singular que não se encontra facilmente. Mas, apesar disso, os dados da instituição demonstram que ainda assim o público do museu é predominantemente composto por residentes (Quadro 3). A tabulação é feita mensalmente, com regularidade. Portanto, no livro de registros é possível encontrar as informações dos visitantes quanto à data, origem e grau de instrução.

Os dados do mês de Setembro de 2013 apontam que o museu recebeu um público total de 3.208 pessoas. A participação espontânea participou com 20% e o Programa Museu Escola Comunidade (PMEC) contribuiu com 80%. O público foi composto por 90% de pessoas residentes no estado da Bahia e 10% oriundas de outros estados.

Quadro 3 – Visitação em Setembro/2013 quanto à procedência dos visitantes, Museu Geológico da Bahia.

QUANTO À PROCEDÊNCIA - ESTADOS	
ANO	SET/2013
Bahia	90%
Outros Estados	10%

QUANTO À PROCEDÊNCIA - BAHIA	
ANO	SET/2013
Salvador	68%
Interior da Bahia	32%

Elaboração: Almeida e Carvalho (2013), a partir de dados disponibilizados pelo Museu Geológico da Bahia (2013).

Em entrevista concedida às pesquisadoras, a representante do museu que é funcionária do setor educativo, destacou que os números referentes aos tipos de atendimentos estão diretamente relacionados ao fato da instituição inserir os estudantes e a comunidade no seu cotidiano. Através do projeto Programa Museu Escola Comunidade alunos da rede privada e particular de Salvador e do interior do Estado têm acesso à programação educativa e cultural do Museu Geológico, visando fomentar o

conhecimento científico sobre a geologia. Esse convênio com as escolas e com a comunidade reflete a acessibilidade de todos a uma instituição que, por ser pública, tem esse papel de inclusão.

Outro ponto comentado pela representante que contribui para a captação de visitantes diz respeito à divulgação do museu. A mesma é feita através das mídias sociais, o que inclui o *site* oficial e o *Facebook*, atualizados com muitas informações. Também realiza-se a divulgação por meio da mala direta, e-mail e através de instituições parceiras.

E como acontece com tantos outros museus da cidade, o Museu Geológico da Bahia, pelo que foi informado por sua representante, não está inserido em nenhum roteiro turístico. Ele apenas compõe um roteiro mais alternativo procurado por um público específico que visita o local. O que se nota em relação a este atrativo é que o governo tem se preocupado em mantê-lo como um centro importante de cunho científico, o que já é válido, mas não tem trabalhado a sua representatividade no turismo. Após algumas melhorias previstas, que estão sendo esperadas, como é o caso da reforma do prédio, espera-se também que, na continuidade, se desperte um interesse mais efetivo em desenvolver o atrativo em outras áreas. Visto que a contribuição dada ao turismo, ainda que timidamente, ajuda a divulgar a riqueza e diversidade do estado.

4.1.4 Igreja de Nossa Senhora da Vitória

Até hoje, informações precisas a respeito do surgimento da Igreja de Nossa Senhora da Vitória (Figura 7), situada na Praça Rodrigues Lima, Lago da Vitória, ainda são escassas. Os registros são poucos, mas, pode-se afirmar ser uma das Igrejas mais antigas do Brasil. Possui como filiais a Igreja de Santo Antônio da Barra, a Igreja da Graça e a Capela de Nossa Senhora da Vitória, conhecida como Capela dos Maristas, respectivamente localizadas na Barra, Graça e Nazaré, e já teve a Igreja dos Aflitos, encontrada no bairro de Dois de Julho, também como membro de sua paróquia, respondendo à matriz. Atualmente, está passando por reformas, que buscam restaurar o templo e deixá-lo o mais original possível, correspondendo ao início de sua história como paróquia, no século XIX.

Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora da Vitória.



Fonte: <<http://www.salvador-turismo.com/vitoria.htm>>. Acesso em: 16 out. 2013.

Durante entrevista concedida às pesquisadoras, o padre Luís Simões, em atividade na Igreja há 11 anos, confirmou a precariedade de fontes oficiais que relatem a origem da Igreja. O mesmo afirma que “se tem poucos dados. As informações concretas é que havia uma igreja nesse local e desta Igreja nós temos a lápide em que se registra, que no ano 1534, houve um casamento” (SIMÕES, 2013, não paginado).

Uma reportagem publicada no Jornal Bahia Hoje, de 1994, comenta esse registro: “[...] ali se encontram os restos mortais de Affonso Roiz, natural de Obidos (Portugal), segundo a inscrição [da lápide] ‘o primeiro homem que casou na igreja no ano de 1534, também é o primeiro povoador desta capitania’.” (SAMPAIO, 1994, p.2). Este fato revela a existência da Igreja já no século XVI período do surgimento do Corredor da Vitória. Provavelmente em estilo rústico, antes de 1561, data oficial da fundação da paróquia. O padre ainda fez uma ressalva ao citar a Igreja como paróquia, “que seria o templo e toda a área envolvida, uma circunscrição jurídica que faz parte desta matriz” (SIMÕES, 2013, não paginado).

Outro dado importante que concerne à sua história é a vinda de D. João VI ao Brasil, pois “ele parou na Bahia, se pediu a ele uma ajuda, ele fez uma doação e a partir daquela doação se fez esta Igreja, a atual” (SIMÕES, 2013, não paginado). Apesar de tantos anos de existência, a Igreja só passou por uma modificação, ocorrida por volta de 1916, em sua fachada. “Houve uma interferência de Teodoro Sampaio que era um urbanista, engenheiro de Santo Amaro, e tinha a fama [inclusive] no Rio de Janeiro e em São Paulo. Era um homem importante na época como urbanista e engenheiro.”

Baiano nascido escravo, sendo alforriado em seu batismo, viveu na memória nacional tendo contribuído de forma significativa para a história do país. (SIMÕES, 2013, não paginado). Sua interferência na fachada foi para marcar a passagem do século XIX para o século XX.

Posterior a essa modificação, só foi realizada uma outra reforma em 2013. Iniciada em julho, a reforma atual tem como meta restaurar tanto o interior quanto a fachada e construir uma casa paroquial, tendo sua conclusão prevista para o início de 2015. E o padre revelou que algumas descobertas importantes estão sendo feitas: “não foi ainda aberta ao público, mas pinturas logo do início da Igreja que estavam cobertas estão sendo encontradas” (SIMÕES, 2013, não paginado). E ressaltou que a restauração “mostrará a Igreja original do século XIX. Uma arquitetura de grande influência do neoclássico e um pouco do barroco, tanto o altar como a fachada” (SIMÕES, 2013, não paginado).

O seu rico patrimônio foi, finalmente, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 9 de outubro de 2007 (IPHAN, 2013, p. 156). A medida foi tomada devido à ameaça de especulação imobiliária no bairro da Vitória. Foi realizado o tombamento não só da Igreja, como também do seu acervo móvel e integrado, correspondendo, em sua maioria, aos livros de casamentos e batismos lá ocorridos. Livros esses, preenchidos no século XIX, e que se encontram aos cuidados da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) para devido restauro, pois estavam desgastados pelas traças, salitre e pelo tempo. Os demais, mais recentes, estão guardados na própria Igreja ou no arquivo da Arquidiocese de São Salvador da Bahia.

Apesar de tombada e de estar passando por reforma, esses benefícios só ocorreram após muita luta. O tombamento só foi aprovado na 54ª Reunião do Conselho Consultivo do Instituto (IPHAN, 2013). Já a reforma foi uma batalha que demorou cerca de oito anos para ser conquistada. Infelizmente, o reconhecimento por parte do governo da necessidade de se proteger a história do estado foi demorada. Felizmente, existem pessoas que acreditam na relevância do patrimônio cultural para a história da nação e persistem neste ponto.

O Padre Luís, também acredita nesta importância e afirma, enfaticamente, acreditar que a Igreja representa um atrativo turístico para a cidade.

É a história de um tempo em que as pessoas aqui vieram e viveram suas relações, tanto do viver como do morrer, como do festejar. E é um tempo que nós temos que mostrar a fé vivida para as pessoas.

Existem objetos de artes, imagens bonitas, imagens preciosas, as pinturas que estão aparecendo são preciosas. Nós temos de valorizar para mostrar ao visitante a nossa história da fé e da vida social, de um tempo, de um povo. São coisas que marcam o tempo e que têm que ser mostradas (SIMÕES, 2013, não paginado).

Ele revelou que a história e as peças que habitam a Igreja se constituem em um atrativo de significado para os turistas que a visitam. E a localização e infraestrutura do bairro também são considerados pontos favoráveis. O Padre afirma que “como localização [a Igreja] é excelente” (SIMÕES, 2013, não paginado). Mas critica a participação da comunidade para com a Igreja: “a participação não é tão forte quanto deveria ser no nível de envolvimento dos paroquianos para com as atividades da Igreja”. Assim, acreditando que a Igreja beneficia mais o bairro, do que o bairro a Igreja. Como uma grande fonte de atrativo e lucro para o distrito.

Em realidade, a Igreja de Nossa Senhora da Vitória já se constitui um atrativo da cidade de Salvador, recebendo turistas de dentro e fora do estado, incluindo, estrangeiros, como relata o Padre durante a entrevista de campo. Após a reforma, será ainda mais reconhecida como um atrativo turístico. Porém, é importante não torná-la apenas uma novidade ao término da reforma, mas constituí-la em um atrativo consagrado da cidade.

4.1.5 Goethe-Institut Salvador

Goethe-Institut é um instituto cultural da República Federal da Alemanha dedicada ao fomento do diálogo entre as culturas e da comunicação entre os países. Foi fundada em 1951, na Alemanha pós-guerra, com objetivo de reinserir o país no mundo e difundir o ensino da língua alemã. Sua sede localiza-se em Munique, mas existem cerca de 140 institutos em 80 países localizados em todos os continentes. (GOETHE OPEN HOUSE, 2013, não paginado).

Fundado em 3 de setembro de 1962, o Goethe-Institut no Brasil é uma instituição sem fins lucrativos. Trabalha em parceria com o Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA) e com as principais organizações culturais brasileiras e europeias, governamentais e não governamentais, centros de informação/bibliotecas da cidade e do

estado. São cinco institutos em todo o Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba e Salvador.

O Goethe-Institut Salvador (Figura 8), desde a sua fundação, em 1962, é sediado em uma bela mansão pertencente à República Federal da Alemanha, na qual também funciona o Consulado Alemão.

Figura 8 – Goethe-Institut Salvador.



Fonte: <<http://www.curtosim.com.br/goetheinstitut-salvadorbahia>>. Acesso em: 07 out. 2013.

O instituto possui três áreas de atuação: os cursos, a programação cultural e um centro de informações/biblioteca. Sua estrutura é composta por cinco salas de aula, um pátio e uma biblioteca. E, além de cursos de língua alemã, promove eventos culturais produzidos com parceiros brasileiros e convidados estrangeiros em diversas áreas como teatro, cinema, vídeo, dança, música/shows, arte/exposições, ciência, literatura, entre outros (GOETHE OPEN HOUSE, 2013, não paginado).

A coordenadora cultural, Wilbke Kannengiesser, atua no instituto há 7 anos, e afirma que “através do espaço aberto para a cultura, o Instituto focaliza atrair os residentes” (KANNENGIESSER, 2013, não paginado). Ela não o considera como um atrativo turístico, mas vê no instituto caminhos que favorecem e contribuem para a construção do turismo cultural na cidade de Salvador.

A programação cultural é bem organizada e voltada para a cultura alemã aliada às peculiaridades do público baiano. Esse espaço cultural não é explorado turisticamente e, segundo a coordenadora, a presença de turistas é mais frequente quando os mesmos se interessam por roteiros culturais alternativos e dispõem de uma maior quantidade de tempo na cidade.

Por não estar inserido em nenhum roteiro turístico, o empecilho para que o turista conheça o local acaba sendo a divulgação, a qual possibilita ou impossibilita o

intercâmbio intercultural. Fato esse que é um desafio para o instituto. A divulgação conta com o apoio primordial das mídias sociais. Por isso, além do *site* que divulga a programação cultural feita trimestralmente, nas redes sociais do Instituto, como *blog*, *Twitter* e *Facebook*, é possível ter acesso a todos os eventos. E também é feita a divulgação na própria sede com cartazes e *folders*.

Para Kannengiesser (2013, não paginado), esse aspecto precisa ser melhorado “bem timidamente isso já vem ocorrendo, principalmente na inserção de uma programação que traga novidades e interesse do público, para que a divulgação cause mais efeito. O alcance em geral nos eventos culturais é de um público 97% residente da cidade de Salvador”. Esses dados são deduzidos pela própria coordenadora, pois o Instituto não faz nenhum tipo de pesquisa sobre a visitação.

Em relação à programação cultural é possível encontrar uma diversificação muito grande. Esta consiste em peças teatrais, shows, concertos, mostra de filmes, seminários, debates e exposições. Todas as atrações culturais são escolhidas através do contato dos próprios artistas com o instituto, que dá a oportunidade e de forma gratuita para esses artistas que se apresentam.

Como maneira de inovação, o instituto promove o projeto de exposição itinerante. E outro diferencial da instituição são as atividades multidisciplinares, que também permitem uma interação cultural. Estas também são bastante diversas.

Este ano o ICBA desenvolve o projeto multidisciplinar “Metamorfose do Cacau”, que por meio de diversas atividades acadêmicas e culturais, tratadas repercussões econômicas, sócio culturais e estéticas da presença do cacau e do chocolate na Bahia (GOETHE OPEN HOUSE, 2013, não paginado).

Durante o ano de 2013 está sendo realizada a temporada do ano Brasil-Alemanha 2013-2014, ou seja, por mais de um ano, serão realizados mais de 400 projetos compondo a programação nos setores de economia, ciências, cultura e educação. Sob o lema “quando ideias se encontram”, a iniciativa pretende aprofundar e ampliar as parcerias entre os dois países construindo infraestruturas e consolidando acordos que continuem ativos mesmo depois do ano comemorativo (GOETHE-INSTITUT, s.d., não paginado).

Todas essas atividades são abertas ao público. O acesso ao instituto é gratuito para a maioria de suas atividades e o visitante pode ter acesso à sala de

exposições, à biblioteca, ao cine teatro e ao pátio Berlim, onde funciona um café, espaço também utilizado para eventos culturais.

Sobre a localização na Vitória, bem como sua estrutura e condições de acesso, o Instituto apresenta pontos positivos. A coordenadora cultural cita a localização privilegiada do bairro e a amplitude do instituto, o que o transforma em um espaço multifuncional. E, apesar dos problemas de tráfego e falta de estacionamento que o bairro enfrenta, o Instituto atende bem a demanda com um estacionamento próprio ao qual se tem acesso pelo Vale do Canela.

Na sua multifuncionalidade, o instituto consegue ser uma opção viável para compor a oferta do turismo cultural em Salvador, pois o mesmo não se dispõe em apenas ser um instrumento difusor da cultura alemã na cidade, mas ser um fator inclusivo entre as culturas, o que caracteriza uma atratividade para os mais diversos tipos de personalidades. Compreendendo esta questão, Kannengiesser (2013, não paginado) declara que “o Instituto faz parte da vida das pessoas” e afirma que lá elas podem encontrar um “espaço de cultura”.

Essa inserção direta na vida da população aponta o nível de importância que os eventos no instituto trazem para a cena cultural na cidade. E, apesar de que em suas considerações a entrevistada afirma que o Instituto não se intitula como um atrativo, é bem provável que, se esse espaço tiver a intenção de se inserir efetivamente no turismo, só terá a ganhar com a sua participação na promoção de um bairro onde se valoriza o turismo cultural da cidade.

4.1.6 Associação Cultural Brasil-Estados Unidos

A Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, ou simplesmente ACBEU (Figura 9), como é mais conhecida, fomenta atividades culturais das mais tradicionais no bairro da Vitória, em Salvador. Basicamente se divide em três núcleos: curso profissionalizante de línguas, galeria e teatro. Apresenta em todos os seus segmentos de atuação atividades ligadas à cultura, colaborando de forma significativa com o turismo da cidade e a comunidade soteropolitana.

Fundado em 1941, em Salvador, o ACBEU se denomina como um “centro binacional de utilidade pública, cultural e educacional sem fins lucrativos” (ACBEU, 2013, não paginado). Seu crescimento, desde então, é notório para a população baiana, principalmente, quando se fala em tradição. Hoje, a unidade localizada no Corredor da

Vitória, além de promover cursos de língua portuguesa e inglesa e contar com uma biblioteca multimídia aberta ao público, possui um departamento cultural formado pelo Teatro ACBEU e por uma Galeria de Artes.

Figura 9 – Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.



Fonte: <<http://www.acbeubahia.org.br/institucional/default.asp>>. Acesso em: 22 out. 2013.

A Galeria de Artes aberta em 1975 contribuiu, com sua programação realizada anualmente, de forma relevante para a cultura e, conseqüentemente, para o turismo de Salvador quando prega “fomentar e difundir a cultura, proporcionando espaço, apoio, organização e divulgação a artistas de vários estilos e tendências artísticas, jovens ou já conceituados no meio artístico, de variadas naturalidades e nacionalidades e de diversas técnicas”. Seu acesso é gratuito e não há mediador. O espaço é oferecido sem custos para os artistas e estruturado para receber trabalhos de arte e assessoria para divulgação das exposições. Eles encaminham *release* das mostras para mídias diversas e realizam distribuição de convites impressos e virtuais (ACBEU, s.d., não paginado).

O Teatro ACBEU, inaugurado em 14 de abril de 1988 (ACBEU, s.d., não paginado), já possui fama na capital baiana, e das melhores, tendo nomes consagrados já passados por seu palco, como a cantora Ivete Sangalo e o ator Wagner Moura. Já consagrado no cenário cultural, possui 283 lugares e proporciona comodidade e conforto ao seu público. No ano de 2013, já foram realizadas quatro apresentações teatrais entre maio e setembro e, no dia 31 de outubro de 2013, ocorrerá a última apresentação do ano, quando fecha as portas para reforma.

Com previsão de reabertura para março, a gestora do teatro, Ticiania Guarany, relatou em entrevista concedida às pesquisadoras, que acredita que em sua reabertura no ano 2014, a visibilidade do teatro será ainda maior e seu espaço ainda mais moderno. Na reforma, a principal mudança ocorrerá no que diz respeito à acessibilidade, com a instalação de um elevador. Infelizmente, a administração do ACBEU não pode solucionar todas as dificuldades relacionadas ao atrativo.

Quando questionada sobre a infraestrutura do bairro, sua preocupação é nítida. Apesar da localização central em Salvador ser ponto favorável, a infraestrutura local complica os eventos lá realizados. “O Corredor da Vitória não tem mais capacidade” devido ao trânsito intenso e constantes engarrafamentos. “Se uma sala de cinema tem um filme cheio, se eu tenho um teatro cheio, o ICBA tiver uma peça de teatro cheia e ocorrer uma festa de aniversário em três *playgrounds* [...] as pessoas não chegam” (GUARANY, 2013, não paginado) o que mostra os impactos negativos que a intensa especulação imobiliária gerou no bairro.

Uma solução, citada por Guarany e que está sendo estudada pela Superintendência de Engenharia de Tráfego de Salvador (SET) é a construção de um estacionamento subterrâneo no Campo Grande. Contudo, a mesma relata a dificuldade da obra ser implantada, devido, principalmente, ao alto investimento que seria necessário. Outra medida para solucionar a falta de estacionamento, seria uma parceria com uma companhia de táxi. Mas esta também precisa ser uma medida estudada junto à SET pensando no embarque e desembarque de passageiros na entrada do teatro (GUARANY, 2013, não paginado).

Apesar dos desafios cotidianos, o ACBEU mostra presença na comunidade soteropolitana e fora dela, “tanto pode estar inserido para o público externo, como para a comunidade”, estando assim, também “completamente voltado ao turista” (GUARANY, 2013, não paginado). Muitos deles são hóspedes dos hotéis do próprio bairro. Em relação direta ao turismo, outro ponto debatido foi a parceria com agências de viagens. Ou melhor, os contrapontos dessa possível parceria. Segundo a entrevistada, atualmente ela não existe, mas já foi uma possibilidade. O problema, conforme relata, são as comissões que o teatro não teria como pagar e as cortesias que nem sempre estariam disponíveis. “Se você tem um espetáculo esgotado, você não tem ingresso, você não pode fazer essa parceria, [pois] nem sempre terá cortesias para eles” (GUARANY, 2013, não paginado). E, embora possua assessoria de comunicação, e

divulgue seu produto através de *site* e redes sociais, o responsável pelo marketing é o produtor que aluga o espaço do ACBEU.

Pensando sempre na evolução de seu instituto e respeitando o contexto de onde se encontra inserido, o ACBEU possui diversas atividades culturais voltadas para a comunidade, se visto apenas de maneira imediata, mas, se sua atuação for analisada de forma mais profunda, para a população de Salvador e para o mundo.

Assim, ele compõe a oferta dos potenciais atrativos da Vitória que, aliados à infraestrutura local e aos serviços disponíveis no bairro, poderão compor, de fato, um distrito com vocação para o turismo cultural, conforme será abordado a seguir.

4.2 LEVANTAMENTO DA INFRAESTRUTURA LOCAL E SERVIÇOS

O bairro da Vitória não é só marcado por transformações históricas, mas também estruturais. Através do levantamento da infraestrutura local que representa o espaço físico, social e econômico, pontos positivos e negativos foram observados durante a realização da pesquisa, mais precisamente a partir da percepção direta das pesquisadoras, dados colhidos nas entrevistas dos representantes e informações de jornais de grande circulação, permitiu-se traçar o perfil estrutural do bairro.

Ao longo do tempo, o que antes eram casarões, hoje dão espaço a luxuosos edifícios e ruas cada vez mais estreitas. Com essa compreensão, é possível delinear problemas de circulação e infraestrutura na Vitória. “O corredor exhibe luxo, mas também insegurança” (VASCONCELOS, 2010, p. 4). O bairro deixa a desejar em alguns aspectos como: acessibilidade para deficientes físicos, possuindo ruas estreitas; trânsito, muito intenso, gerando conflitos entre o tráfego de veículos e os pedestres; apresenta também deficiência do transporte público, com poucas linhas circulando no local e existe apenas um estacionamento para veículos no local; e falta uma segurança efetiva, pois dificilmente se nota a presença de policiais além da presença de catadores de lixo e moradores de rua. Catadores de lixo são atraídos pelos descartes de resíduos produzidos por edifícios de luxo, feitos em horário inadequado e sem passar por processo de separação (VASCONCELOS, 2010, p. 4).

Por outro lado, o bairro oferece uma boa qualidade de vida e uma diversa gama de serviços que atende à demanda, tanto de residentes como de visitantes. Alguns restaurantes são encontrados no local, como o “Chanceler Restaurante” que funciona no Condomínio Vitória Residencial, sendo especializado em comida regional. Apesar de

ter como clientela principal a população residente, trabalhadores e estudantes, o restaurante também recebe turistas. Outro estabelecimento presente no bairro é o “Mar na Boca Restaurante”, recomendado pelo Guia Quatro Rodas, especializado em culinária clássica espanhola e que tem o ambiente decorado por obras do renomado artista baiano Bel Borba. Além desses restaurantes, o bairro possui diversos barzinhos que ficam localizados em suas travessas.

O Corredor concentra alguns meios de hospedagem tradicionais de Salvador. O Hotel Sol Victória Marina, considerado como 4 Estrelas, que possui 235 apartamentos e vista para a Baía de Todos os Santos; o Hotel Vila Velha que possui 98 apartamentos, além de um destacado restaurante com cozinha típica e internacional; o Hotel Bahia do Sol e uma pousada, denominada Casa da Vitória, resultado da adaptação de uma residência da década de 1960 que foi transformada em pousada de charme possuindo sete apartamentos.

O bairro também possui agências de viagens e eventos. A Vilatur, fundada em 1987, é uma agência de eventos que trabalha com licitações e funciona em uma sala anexa ao Hotel Vila Velha. A Privê Tur, que antigamente funcionava anexa ao Hotel Sol Victória Marina; atualmente o hotel faz a intermediação dos hóspedes e turistas com a agência, agora sediada na Pituba. E outra agência de turismo, denominada de Hansa Tour. Localizada no bairro também se encontra uma locadora de veículos. A Maria Lavadeira é outro serviço que atende muitos turistas, principalmente, os hospedam dos hotéis do bairro e da pousada.

No entorno da Vitória existem muitas outras conveniências, como mercados, *delicatessens*, escolas de línguas estrangeiras. Além desses, há uma variedade de outros estabelecimentos comerciais. Todas essas características demonstram que a Vitória é um bairro dinâmico e diverso que pode atender bem às necessidades de residentes, visitantes e turistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amplitude de aspectos abordados nesta monografia propõem diversas oportunidades de estudos posteriores. Estas indicações contribuem como base para a formação de uma visão ampla do estado atual do turismo em Salvador.

O turismo, como um todo, é um dos setores que mais se destacam pelas suas diversas possibilidades de execução. Através dos diversos segmentos temos a reflexão de que, para atrair visitantes, é necessário um trabalho de busca de potencialidade em locais ou elementos que apresentem algum valor que pode se tornar turístico e desperte o interesse. Isso ocorre com o turismo cultural, pois a dimensão em que esse segmento está inserido permite constituir-se um produto autêntico da cultura local.

A cidade de Salvador tem se destacado entre os principais destinos do Brasil durante décadas, no entanto, a exploração do seu potencial está direcionada principalmente ao turismo de sol e praia. Sabe-se que para atrair visitantes e aumentar a sua permanência é preciso uma variedade de atrativos e infraestrutura que levem os turistas a desfrutar com qualidade do local.

Contudo, é importante salientar que, mesmo possuindo um litoral favorável à visitação, a cidade não deve se privar ou simplesmente deixar de se desenvolver em outros segmentos. O desafio de consolidar o turismo cultural na cidade é grande, mas visto que existe um público bem significativo interessado nesse segmento, trata-se de uma aposta acertada que faz toda a diferença. Além de ser uma forma de incentivo que colabora na conservação e valorização da cultura local.

No intuito de chamar a atenção, através desse olhar, para as potencialidades ainda não utilizadas turisticamente em Salvador, esta pesquisa foi desenvolvida a partir desta identificação, bem como motivada pela carência de estudos sobre o turismo cultural na capital baiana, sobretudo no bairro da Vitória. Analisando as possibilidades do local para se tornar um espaço de visitação turística efetiva em Salvador, contribuindo para aumentar e reforçar os atrativos turísticos da cidade.

No decorrer do estudo, foi reforçada a relação profícua entre o turismo e a cultura e a inserção das pessoas como parte importante no processo de construção cultural. Foi também colocado em questão, o papel dos distritos culturais e o quanto essa alternativa é capaz de revitalizar ou até potencializar o desenvolvimento de uma região. Quanto à história do bairro da Vitória, a formação de Salvador não teria sido a mesma sem as tantas heranças e memórias que o bairro deixou como marcos para a

cidade, sendo ainda usufruída como importante espaço de sociabilidade, parte da cultura local e constituindo-se como um patrimônio valioso.

Apesar da existência contínua da especulação imobiliária, a Vitória ainda é um bairro que se difere, e muito, dos demais, principalmente pela existência dessa vocação cultural tão forte. Constatou-se ainda que de fato existe um potencial nos atrativos existentes, desde sua própria história, passando pela arquitetura e o papel que cada atrativo desenvolve. Inclusive com a comunidade, como por exemplo, por meio de projetos que fomentam a inserção de diversos grupos sociais na sua programação. E mostrando, assim, que é possível desfrutar de um mundo de conhecimento nesse conjunto cultural do bairro que aglomera diversas instituições culturais tão próximas entre si.

Por meio da pesquisa de campo, vivências do cotidiano do bairro puderam ser observadas e, juntamente com as entrevistas realizadas com os representantes dos atrativos, foi possível a compreensão e o entendimento sobre a relação dos mesmos com o bairro e seus frequentadores. Aspectos como a presença dos turistas, formas de divulgação, o papel do atrativo no turismo cultural da cidade foram abordados. E o que nota-se são atrativos que podem representar para Salvador e a Bahia muito mais do que já são e oferecem. Todavia, estes precisam contar com uma divulgação mais efetiva, sobretudo estabelecendo parcerias com a Secretaria de Turismo e com as agências e operadoras de viagens. Isso porque há uma grande limitação atual, a dificuldade de inseri-los nos roteiros turísticos de Salvador. Em realidade, foi verificado que ainda não há esse tipo de contato mais intenso entre as instituições culturais e o *trade* turístico. Logo, a maioria dos visitantes dos atrativos localizados no bairro, acabam por ser os próprios residentes da cidade.

A representatividade e dedicação de cada instituição revela o papel singular por eles desenvolvido. Por isso, alguns aspectos precisam ser melhorados, para que possam revelar ainda mais potenciais. A localização do bairro, no centro de Salvador, é um ponto positivo, pois a proximidade com outros bairros facilita a locomoção, e em se tratando de centro da cidade, a oferta de serviços é bem maior. Mas há pontos que contribuem negativamente para a sua imagem, seguramente no que diz respeito à infraestrutura, acessibilidade e segurança. A Vitória acabou sendo vítima da falta de planejamento urbano e hoje colhe os problemas que deveriam ter sido planejados anteriormente. Por exemplo, a falta de estacionamentos, o que faz com que o bairro não comporte uma grande demanda de veículos, ocasionando intensos engarrafamentos. Por

outro lado, há uma gama de serviços bem diversa, sendo possível encontrar desde padarias até escolas de cursos profissionalizantes.

No geral, percebeu-se que para um local se consolidar como um atrativo turístico é fundamental que haja um envolvimento com bases sólidas, seja por meio de iniciativas públicas e/ou privadas, e que incluam efetivamente a comunidade. Nesse comprometimento, ao desenvolver os atrativos que por si já apresentam valor histórico gera, conseqüentemente, atenção. Em se tratando do bairro da Vitória, a proposta dos atrativos turísticos traz um conceito pouco difundido em Salvador ou, pelo menos, pouco exposto, que é um “Corredor Cultural”. Espera-se que, a exemplo da potencialidade do bairro analisado, seja estimulada uma maior valorização e credibilidade ao turismo cultural, e que este assunto seja aderente a uma nova realidade de se fazer turismo em Salvador.

REFERÊNCIAS

A TARDE, Salvador, 24 jul. 2004, não paginado.

ACBEU. **Site oficial**. [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.acbeubahia.org.br/capa/default.asp>>. Acesso em: 23 out. 2013.

ATHAYDE, Sylvia. **Entrevista concedida às pesquisadoras**. Salvador, 07 de novembro de 2013. Não paginado.

AMAZONAS, Archimedes Ribas; LIMA, Carmen Lúcia Castro. Museus e desenvolvimento local: território e comunidade. In: **Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**, v. 1, 2010, p. 93-102.

ANDRADE, Adriano Bittencourt; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografia de Salvador**. 2ª. Ed. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/587/3/Geografia%20de%20Salvador%20.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2013.

ARANTES NETO, Antonio Augusto. **Tombamento do Corredor da Vitória**. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2004/05/26/tombamento-do-corredor-da-vitoria/>>. Acesso em: 29 set. 2013.

BAHIA HOJE. **Área nobre atingida pela especulação imobiliária**. Salvador, 14 de jul. de 1996, p. 04.

BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 2ª ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

CASTRO, Daniela. **O primeiro guardião**. A Tarde, Salvador, 22 jul. 2008, p. 01.

CELESTINO, Antonio. **A Vitória já foi assim, narra uma página da história da cidade**. A Tarde, Salvador, 06 nov. 1983, não paginado.

CORREDOR da Vitória pede passagem. A Tarde, 14 set. 2003, p. 07.

COSTA, Heloisa Helena; ROSA, Mercedes. **Exposição “A Vitória já foi assim” realizada pelo Museu Carlos Costa Pinto e Museu Geológico da Bahia**. 1983, não paginado.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Os nomes das ruas contam histórias**. Câmara Municipal de Salvador, 1999.

ESPORTE CLUBE VITÓRIA. **Site oficial**. [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.ecvitoria.com.br/historia.html>>. Acesso em: 01 out. 2013.

FLORENTINO, Manolo; RIBEIRO, Alexandre Vieira; SILVA, Daniel Domingues da. **Aspectos comparativos do tráfico de Africanos para o Brasil (séculos XVIII e**

XIX). Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_3_aspectos.PDF>. Acesso em: 17 out. 2013.

FRANÇA, Lucival. **Guardião da memória**. Correio da Bahia, 23 de agosto de 2009, p. 04.

FRANCO, Silva Cintra. **Cultura, inclusão e diversidade**. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica, 2006.

FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO. **Museu Carlos Costa Pinto: catálogo- catalogue/** Fundação Museu Carlos Costa Pinto. Salvador, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOELDNER, Charles R; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Trad. Roberto Cataldo Costa. 8ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOETHE INSTITUT SALVADOR. **Goethe Open House**. Salvador, 2013, não paginado.

GOETHE-INSTITUT. **Site oficial**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/sab/ver/ptindex.htm>>. Acesso em: 19 set. 2013.

GUARANYS, Ticiana. **Entrevista concedida às pesquisadoras**. Salvador, 28 de outubro de 2013. Não paginado.

HOTEL VILA VELHA. **Site oficial**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.hotelvilavelha.com.br/>>. Acesso em: 15 de out. 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Lista dos Bens Culturais Inscritos nos Livros do Tombo (1938-2012)**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3263>>. Acesso em: 27 set. 2013.

KANNENGIESSER, Wilbke. **Entrevista concedida às pesquisadoras**. Salvador, 01 de outubro de 2013. Não paginado.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11ª Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **O que é patrimônio imaterial?: Projeto Patrimônio Cultural Potiguar em 6 Tempos**. UNESCO/MinC/BID. Natal: Fundação José Augusto, 2006.

MAR NA BOCA RESTAURANTE. **Site oficial.** [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.marnaboca.com.br/>> Acesso em: 12 out. 2013.

MARTINS, Anne Bastos; VIEIRA, Gustamara Freitas. **Turismo e patrimônio cultural:** possíveis elos entre identidade, memória e preservação. [s.d.]. Disponível em:
<<http://portal.estacio.br/media/3344173/5-turismo-patrimonio-cultural-possiveis-elos-entre-identidade-memoria-preservacao.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2013.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Turismo, cultura e identidade.** São Paulo: Rocca, 2003.

MELO, Edinete. **Museu de Arte da Bahia.** Revista da Bahia, abril de 2005, p. 99-103.

MIRA, Rejane Silva. **Turismo e interpretação do patrimônio:** uma abordagem comunitária. Guarapari-ES: EX Libris, 2007.

MOESCH, Marutscha. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2002.

MOTA, Luciano Guerra Santos. **Gestão urbana x Ocupação do solo:** o caso do Corredor da Vitória, Salvador/BA. Disponível em:
<<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST261.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2013.

O QUE É QUE A BAHIA TEM. **Ourivesaria do Museu Carlos Costa Pinto – Salvador.** Pinacoteca do Estado de São Paulo: São Paulo, 2006.

MUSEU CARLOS COSTA PINTO. **Entrevista concedida às pesquisadoras.** Salvador, 13 de setembro de 2013. Não paginado.

MUSEU CARLOS COSTA PINTO. **Site oficial.** [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.museucostapinto.com.br/capa.asp>>. Acesso em: 12 out. 2013.

MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA. **Entrevista concedida às pesquisadoras.** Salvador, 11 de outubro de 2013. Não paginado.

MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA. **Site oficial.** [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.mgb.ba.gov.br/>>. Acesso em: 24 out. 2013.

NEWTON, Rubens. **A Vitória já foi assim.** A Tarde, Salvador, 05 nov. 1983, não paginado.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 2002.

PIRES, Roberto. **Um flerte com a juventude.** A Tarde, Salvador, 14 mai. 2006, p. 07.

POUSADA CASA DA VITÓRIA. **Site oficial.** [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.casadavitoria.com/en/casa-da-vitoria/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de out. 2013.

- REVISTA VIA BAHIA. **Museu de Arte da Bahia chega aos 80 anos na rota das grandes exposições.** Salvador, dez. de 1997, p. 39-41.
- RIBEIRO, Perla. **As regiões mais cobiçadas da capital.** Correio da Bahia, Salvador, 29 mar. 2004, p. 16.
- RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para a eficiência nos estudos.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- SAMPAIO, João. Bahia Hoje, Salvador, 02 mar. 1994, p. 02.
- SANTANA, Valdemir. **O charme do Corredor da Vitória e de Pituba Ville é uma boa razão para incentivar o desejo de morar bem.** Veja Viver Melhor em Salvador, Salvador, jun. de 2003, p. 28 e 29.
- SANTOS, Milton. **O espaço e o cidadão.** São Paulo: Nobel, 1999.
- SECRETARIA DA INDÚSTRIA COMÉRCIO E MINERAÇÃO. **Site oficial.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sicm.ba.gov.br/Pagina.aspx?pagina=mgb>>. Acesso em: 12 de out. de 2013.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER DE PLANALTINO. **Museu Geológico da Bahia.** Disponível em: <<http://educaplanaltino.blogspot.com.br/2012/09/museu-geologico-da-bahia-em-parceria.html>>. Acesso em: 28 out. 2013.
- SENNA, Francisco. **As antigas mansões do Corredor da Vitória.** Rede Bahia Revista. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=tfYA3WCRwgA>>. Acesso em: 29 set. 2013.
- SIMÕES, Luiz. **Entrevista concedida às pesquisadoras.** Salvador, 14 de outubro de 2013. Não paginado.
- TEIXEIRA, Cid. **Do Campo Grande à Barra.** Salvador: Correio da Bahia, 2001.
- _____. **Salvador: história visual.** Salvador: Correio da Bahia, 2001.
- VASCONCELOS, Hieros. **Insegurança e abandono.** A Tarde, Salvador, 10 de set. 2010, p. 4.
- VAZ, Lilian Fessler; JACQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. In: **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 9, 2013. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/download/2192/2145>>. Acesso em: 06 nov. 2013.
- VIVAS, Fernando. **Vitória.** A Tarde, Salvador, 31 ago. 2005, p. 06.
- WEINSTEIN, Mary. **Vitória para sempre preservada.** A Tarde, 03 de jun. 2003, p. 5.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista: Museu de Arte da Bahia.

Instituição: Museu de Arte da Bahia

Nome do entrevistado: Sylvia Athayde

Cargo/função: Diretora Geral

Data da entrevista: 07 de novembro de 2013

Local da entrevista: Museu de Arte da Bahia

1. Considera o Museu um atrativo turístico?
2. Possui acervo próprio?
3. Possui espaço para outras exposições?
4. As exposições são constantemente renováveis?
5. Como funciona o atendimento aos visitantes?
6. Disponibiliza aos seus visitantes questionário de pesquisa de demanda e satisfação?
7. Os visitantes costumam retornar ao museu?
8. Quais são as principais motivações dos visitantes do museu?
9. Existem convênios com institutos ou escolas de Salvador para visitação de estudantes?
10. Qual a forma de divulgação?
11. Existe um responsável pelo marketing?
12. Está incluso em algum pacote de agências de viagens?
13. A localização e infraestrutura do bairro favorece a visibilidade?
14. Quais qualidades o diferencia dos demais museus?
15. Quais aspectos podem ser melhorados?

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista: Museu Carlos Costa Pinto.

Instituição: Museu Carlos Costa Pinto

Nome do entrevistado: Sigiloso

Cargo/função: Funcionária do Setor Educativo

Data da entrevista: 13 de setembro de 2013

Local da entrevista: Museu Carlos Costa Pinto

1. Considera o Museu um atrativo turístico?
2. Possui acervo próprio?
3. Possui espaço para outras exposições?
4. As exposições são constantemente renováveis?
5. Como funciona o atendimento aos visitantes?
6. Disponibiliza aos seus visitantes questionário de pesquisa de demanda e satisfação?
7. Os visitantes costumam retornar ao museu?
8. Quais são as principais motivações dos visitantes do museu?
9. Existem convênios com institutos ou escolas de Salvador para visitação de estudantes?
10. Qual a forma de divulgação?
11. Existe um responsável pelo marketing?
12. Está incluso em algum pacote de agências de viagens?
13. A localização e infraestrutura do bairro favorece a visibilidade?
14. Quais qualidades o diferencia dos demais museus?
15. Quais aspectos podem ser melhorados?

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista: Museu Geológico da Bahia.

Instituição: Museu Geológico da Bahia

Nome do entrevistado: Sigiloso

Cargo/função: Funcionária do Setor Educativo

Data da entrevista: 11 de outubro de 2013

Local da entrevista: Museu Geológico da Bahia

1. Considera o Museu um atrativo turístico?
2. Possui acervo próprio?
3. Possui espaço para outras exposições?
4. As exposições são constantemente renováveis?
5. Como funciona o atendimento aos visitantes?
6. Disponibiliza aos seus visitantes questionário de pesquisa de demanda e satisfação?
7. Os visitantes costumam retornar ao museu?
8. Quais são as principais motivações dos visitantes do museu?
9. Existem convênios com institutos ou escolas de Salvador para visitação de estudantes?
10. Qual a forma de divulgação?
11. Existe um responsável pelo marketing?
12. Está incluso em algum pacote de agências de viagens?
13. A localização e infraestrutura do bairro favorece a visibilidade?
14. Quais qualidades o diferencia dos demais museus?
15. Quais aspectos podem ser melhorados?

APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista: Igreja de Nossa Senhora da Vitória.

Instituição: Igreja de Nossa Senhora da Vitória

Nome do entrevistado: Luis Simões

Cargo/função: Padre

Data da entrevista: 14 de outubro de 2013

Local da entrevista: Igreja de Nossa Senhora da Vitória

1. O que conhece acerca da história da Igreja?
2. Considera a Igreja um atrativo turístico?
3. Como funciona o atendimento aos visitantes?
4. Disponibiliza aos seus visitantes questionário de pesquisa de demanda e satisfação?
5. Qual a forma de divulgação?
6. Existe um responsável pelo marketing?
7. Está incluso em algum pacote de agências de viagens?
8. A localização e infraestrutura do bairro favorece a visibilidade?
9. Quais qualidades o diferencia dos demais museus?
10. Quais aspectos podem ser melhorados?

APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista: Goethe-Institut Salvador.

Instituição: Goethe-Institut Salvador

Nome do entrevistado: Wilbke Kannengiesser

Cargo/função: Coordenadora da Programação Cultural

Data da entrevista: 01 de outubro de 2013

Local da entrevista: Goethe-Institut Salvador

1. Considera o Goethe-Institut um atrativo turístico?
2. Possui acervo próprio?
3. Possui espaço para outras exposições?
4. As exposições são constantemente renováveis?
5. Como funciona o atendimento aos visitantes?
6. Disponibiliza aos seus visitantes questionário de pesquisa de demanda e satisfação?
7. Existem convênios com institutos ou escolas de Salvador para visitação de estudantes?
8. Qual a forma de divulga o?
9. Existe um responsável pelo marketing?
10. Está incluso em algum pacote de agências de viagens?
11. A localiza o e infraestrutura do bairro favorece a visibilidade?
12. Quais qualidades o diferencia dos demais museus?
13. Quais aspectos podem ser melhorados?

APÊNDICE F – Roteiro de Entrevista: Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.

Instituição: Associação Cultural Brasil-Estados Unidos

Nome do entrevistado: Ticianá Guarany

Cargo/função: Gestora do Teatro ACBEU

Data da entrevista: 28 de outubro de 2013

Local da entrevista: Associação Cultural Brasil-Estados Unidos

1. Considera o ACBEU um atrativo turístico?
2. Como funciona o atendimento aos visitantes?
3. Disponibiliza aos seus visitantes questionário de pesquisa de demanda e satisfação?
4. Existem convênios com institutos ou escolas de Salvador para visitação de estudantes?
5. Qual a forma de divulgação?
6. Existe um responsável pelo marketing?
7. Está incluso em algum pacote de agências de viagens?
8. A localização e infraestrutura do bairro favorece a visibilidade?
9. Quais qualidades o diferencia dos demais museus?
10. Quais aspectos podem ser melhorados?